

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E
EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

MARIA CECÍLIA PALADINI PIAZZA

**O ENSAIO COMO FORMA EM WALTER BENJAMIN:
CONTRIBUIÇÕES DO GÊNERO ENSAÍSTICO PARA A
EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. André Cechinel.

**CRICIÚMA
2016**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

P584e Piazza, Maria Cecília Paladini.

O ensaio como forma em Walter Benjamin :
contribuições do gênero ensaístico para a educação /
Maria Cecília Paladini Piazza ; orientador : André
Cechinel. – Criciúma, SC : Ed. do Autor, 2016.

96 p. ; 21 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul
Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Criciúma, 2016.

1. Ensaio alemães – História e crítica. 2. Benjamin,
Walter, 1892-1940 – Crítica e interpretação. 3. Literatura
– História e crítica. 4. Literatura – Estudo e ensino.

I. Título.

CDD. 22. ed. 809

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla – CRB 14/1101
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

MARIA CECÍLIA PALADINI PIAZZA

**“O ENSAIO COMO FORMA EM WALTER BENJAMIN:
CONTRIBUIÇÕES DO GÊNERO ENSAÍSTICO PARA A
EDUCAÇÃO”**

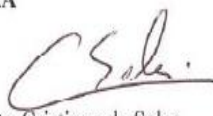
Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Criciúma, 07 de março de 2016.

BANCA EXAMINADORA



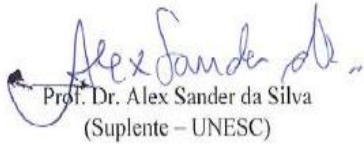
Prof. Dr. André Cechinel
(Orientador - UNESC)



Prof. Dr. Cristiano de Sales
(Membro - UTFPR)



Prof. Dr. Gladir da Silva Cabral
(Membro - UNESC)



Prof. Dr. Alex Sander da Silva
(Suplente - UNESC)



Prof. Dr. Vidalcir Ortigara
Coordenador do PPGE-UNESC



Maria Cecília Paladini Piazza
Mestrando

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo investigar o ensaio como forma em Walter Benjamin e compreender as contribuições do legado de Benjamin à educação por meio da leitura de seus ensaios. Além disso, a dissertação busca mostrar de que maneira a escrita ensaística do autor responde às temáticas sobre experiência, narratividade, progresso e história. Para tanto, num primeiro momento, será realizado um rápido percurso pela história de Benjamin. Por conseguinte, a dissertação irá discutir as reflexões de Theodor Adorno em seu texto “O ensaio como forma”, que se encontra na coletânea intitulada *Notas de literatura*. Nesse texto, Adorno destaca o caráter conceitual do ensaio e suas singularidades, apontando que tal gênero não se prende a um método pré-estabelecido. Num segundo momento, a fim de analisar o ensaio como forma em Benjamin, este estudo apresenta o conceito de experiência e narratividade na obra do autor e sua relação com a tradição e a educação. Num terceiro momento, procura-se discutir, no mesmo autor, as noções de progresso e história, abordando a preocupação de Benjamin em relação à herança que a concepção linear de história deixa para o mundo. Por último, esta pesquisa tenta aproximar o conceito benjaminiano de ensaio e o processo educativo, assinalando quais as contribuições da escrita ensaística de Benjamin para a educação. Além disso, a dissertação discute de que maneira a escrita de Benjamin responde às temáticas de experiência, narratividade, história e progresso a partir de uma estratégia textual particular.

Palavras-chave: Educação, Ensaio, Experiência, História e Progresso.

RESUMEN

La presente disertación tiene por intención investigar el ensayo como forma en Walter Benjamin y comprender las contribuciones del legado de Benjamin a la educación por medio de la lectura de sus ensayos. Además, la disertación busca mostrar de que manera la escrita ensayística del autor responde a las temáticas sobre experiencia, narratividad, progreso, historia y modernidad. Para tanto, en un primer momento, será realizado un rápido recorrido por la historia de Benjamin. Por consiguiente, la disertación irá discutir las reflexiones de Theodor Adorno en su texto “El ensayo como forma”, que se encuentra en la colección intitulada *Notas de literatura*. En ese texto, Adorno destaca el carácter conceptual del ensayo y sus singularidades, apuntando que tal género no se prenda a uno método preestablecido. En un segundo momento, a fin de analizar el ensayo como forma en Benjamin, este estudio presenta el concepto de experiencia y narratividad en la obra do autor y su relación con la tradición y la educación. En un tercero momento, se busca discutir, en el mismo autor, las nociones de progreso, modernidad e historia, abordando la preocupación de Benjamin en relación a la herencia que la concepción linear de historia deja para el mundo. Por último, esta pesquisa intenta aproximar el concepto benjaminiano de ensayo y el proceso educativo, señalando cuales las contribuciones de la escrita ensayística de Benjamin para la educación. Además, la disertación discute de que manera la escrita de Benjamin responde a las temáticas de experiencia, narratividad, historia, progreso y modernidad a partir de una estrategia textual particular.

Palabras-llave: Educación, Ensayo, Experiencia, Progreso e Historia

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e aos meus pais, Ateamar Piazza e Marly Paladini Piazza, pelo exemplo que sempre me deram, pela dedicação em me introduzirem no caminho da vida, sempre oferecendo todo o apoio.

Além disso, agradeço a meus irmãos e especialmente a minha irmã Renata Paladini Piazza, que sempre me ajudou nos assuntos burocráticos. Sinto imensa gratidão também pelo meu esposo, Josué dos Santos Teixeira, que nunca negou apoio e presença nem nos momentos difíceis, nem na partilha da alegria nos momentos felizes. Além de meu marido, é meu melhor amigo, pois sempre participou comigo das leituras e discussões, fazendo observações relevantes e me dando apoio incondicional.

Sou grata ao professor André Cechinel por acolher meu projeto, acreditar em minha capacidade, pelos diálogos e pela criação em conjunto, que me orientaram a seguir o caminho correto, ensinando-me lições de prudência. Além do mais, agradeço ao meu orientador pelas discussões, as relevantes observações feitas e pelo acervo literário colocado à minha disposição. Principalmente, sinto gratidão ao professor André pelas críticas que me fizeram amadurecer, pois elas constituíram em mim um espírito de pesquisadora. Estendo esse agradecimento ao professor Alex, pelas conversas, por me emprestar vários livros e me incentivar a seguir adiante.

Agradeço também aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense, por ampliarem os horizontes de minha compreensão nesses dois anos de mestrado. Esse agradecimento é válido também para outros tantos professores dessa universidade com os quais pude aprender e partilhar saberes.

Meu agradecimento é também dirigido à banca examinadora desta dissertação: professor Gladir da Silva Cabral, professor Alex e professor Cristiano de Sales, por aceitarem o convite de compor a banca e pelo trabalho, paciência e disposição em ler a dissertação.

Além disso, sou grata a todos os colegas do curso de Mestrado em Educação, pelos excelentes debates e por tornarem o mestrado em educação um lugar bom de se estar e de se aprender. Aos amigos, imprescindíveis quando as coisas vão mal e inesquecíveis quando a felicidade é conjunta, meu muito obrigada. Também agradeço aos amigos, colegas e professores que indicaram ou forneceram textos que pudessem vir a ser de interesse.

Agradeço mais uma vez aos professores André Cechinel e Gladir da Silva Cabral, que ministraram a disciplina sobre Walter Benjamin e, através das suas inesquecíveis aulas, me instigaram a pesquisar e compreender muitas questões do universo benjaminiano. Sou grata, também, à Vanessa, secretária deste PPGE, pela atenção, paciência e ajuda nas questões referentes à burocracia acadêmica.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 O CONCEITO DE EXPERIÊNCIA E NARRATIVIDADE EM WALTER BENJAMIN.....	22
2.1 O DESAPARECIMENTO DA NARRATIVIDADE	26
2.2 EXPERIÊNCIA PLENA E EXPERIÊNCIA DE CHOQUE (VIVÊNCIA)	31
2.3 RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO, EXPERIÊNCIA E NARRATIVIDADE EM BENJAMIN	37
3 HISTÓRIA E PROGRESSO EM WALTER BENJAMIN.....	42
3.1 MOSAICO DE INFLUÊNCIAS	54
3.2 ENSAIO “A VIDA DOS ESTUDANTES”	57
3.3 RELAÇÃO ENTRE MODERNIDADE, PROGRESSO, HISTÓRIA E O CONTEXTO EDUCACIONAL.....	60
4 O ENSAIO COMO FORMA EM WALTER BENJAMIN E A EDUCAÇÃO.....	64
4.1 RELAÇÃO ENTRE A ESCRITA ENSAÍSTICA BENJAMINIANA E A EDUCAÇÃO	71
4.2 CONTRIBUIÇÃO DO GÊNERO ENSAIO PARA EDUCAÇÃO	79
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS.....	93

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa partiu da necessidade de aprofundar teoricamente os estudos realizados durante o mestrado em educação, quando, por meio da disciplina “O ensaio como forma” em Walter Benjamin, entrei em contato com os escritos desse autor e suas obras. Na ocasião, a leitura, a escrita, os debates e os seminários instigaram um profundo interesse por esse filósofo, que deixou claro em seus ensaios a questão da redução sistemática do pensamento crítico. Pois Benjamin, com um pensamento original e profundo, analisou questões referentes aos problemas da modernidade, trazendo à tona preocupações com o rumo ao qual a história europeia se direcionava na década de 1930. Desse modo, seu pensamento influencia até hoje áreas do conhecimento no campo das ciências humanas e sociais. Foi assim que Benjamin me despertou interesse, pois as discussões feitas sobre esse filósofo na disciplina ministrada pelos professores André Cechinel e Gladir da Silva Cabral já me instigavam e me faziam refletir sobre a maneira pela qual o mundo está caminhando, e por isso motivei-me em estudar Benjamin para tentar entender melhor suas discussões.

A intenção central desta pesquisa consiste em investigar o ensaio como forma em Walter Benjamin e compreender as contribuições do legado de Benjamin à educação por meio da leitura de seus ensaios. Além disso, a dissertação busca mostrar de que maneira a escrita ensaística do autor responde às temáticas sobre experiência, narratividade, progresso e história. Dessa maneira, serão analisados alguns textos de Benjamin a fim de perceber o lugar do ensaio no contexto da educação. De resto, busca-se também investigar como se dá a relação entre educação, experiência e narratividade a partir das teorias do autor.

É importante esclarecer que a investigação do ensaio como forma em Benjamin busca relacioná-lo com a educação não numa perspectiva metodológica, instrumental e doutrinária, mas no aspecto associado ao estilo de sua linguagem que possibilita a abertura de expor o pensamento, pois não pretende oferecer conteúdos acabados. Dessa maneira, para subsidiar esse raciocínio, serão analisadas, no decorrer da pesquisa, as reflexões de Adorno em seu texto “O ensaio como forma”, que se encontra na coletânea intitulada *Notas de literatura*. Em seu texto, Adorno destaca o caráter conceitual do ensaio e suas singularidades, apontando que tal gênero textual não se prende a um método pré-estabelecido. Nessa perspectiva, o questionamento que

norteará a dissertação é: de que maneira o ensaio como forma benjaminiano pode contribuir para refletir sobre o processo educativo?

Destaca-se que este estudo se caracteriza por ser uma pesquisa bibliográfica desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e ensaios de Benjamin, assim como de seus principais comentaristas. Segundo Michael Löwy (2010, p. 23), Benjamin “é um crítico revolucionário da filosofia do progresso, um adversário marxista do progressismo, um nostálgico do passado que sonha com o futuro.” Cabe ressaltar que essa postura reflexiva de Benjamin não tenciona ser um todo fechado, um sistema acabado, mas um pensamento complexo e fragmentado, como o próprio gênero ensaio se apresenta e, também, como a própria modernidade se estrutura, como veremos no decorrer desta pesquisa.

Salienta-se também que as reflexões benjaminianas abrangem diferentes temas escritos de maneira ensaística, dialogando com diversas áreas do conhecimento e quase sempre prevalecendo a assistemática e extrema liberdade que o gênero oferece. Além disso, conforme defende Adorno no célebre “O ensaio como forma”, esse gênero possibilita abordar diferentes assuntos sem a obrigação de se prender a nenhum deles, pois o ensaio permite experimentar os objetos, sem a pretensão de nos dar a palavra ou o conceito final sobre determinado assunto. Adorno também defende o ensaio, até então considerado menor na Alemanha, e aponta que a qualidade principal do gênero em questão diz respeito à liberdade que a escritura assume. Ainda segundo Adorno, Walter Benjamin seria o “mestre insuperável” (2003, p. 29) do ensaio, pela profundidade e capacidade artística de seus escritos.

Crítico do romance alemão, leitor de escritores como Proust e Baudelaire, Benjamin pode ser difícil de compreender, pois radicaliza a forma de ver o mundo e de maneira pouco ortodoxa analisa fenômenos históricos, processos sociais e lutas políticas, valendo-se de elementos tirados do romantismo alemão e da teologia judaica cristã. Além disso, o ensaísta alemão de origem judaica¹ é historiador e discute a questão da

¹ É importante esclarecer que o pensamento benjaminiano é fortemente influenciado pelos valores teológicos judaicos que, por sua vez, refere-se a uma teologia que não permite nomear ou fazer imagens de Deus, ou seja, Deus é um ser superior que está acima de qualquer compreensão humana. Porém, o aspecto mais importante do judaísmo para Benjamin refere-se ao conceito judaico de história e da esperança messiânica.

modernidade e da urbanidade na Europa do século XIX. Por isso, de acordo com Jeanne Marie Gagnebin (1999), não se deve sustentar interpretações apressadas e globalizantes em relação aos ensaios do autor.

Segundo Olgária Mattos (1989), há um fio condutor nos textos de Benjamin necessário para entender seu pensamento, uma vez que, de certo modo, ele não trabalha nem com o passado e nem com o presente, mas sim com o sentido de “agoridade”, porque para o judeu a salvação não aconteceu, então ela pode acontecer a qualquer momento. Ou seja, esta noção de “agoridade” refere-se à questão teológica a que Benjamin se propunha, que diz respeito ao messianismo benjaminiano. No entanto, compreende-se que o entendimento de Benjamin diante dessa concepção do messianismo refere-se ao fato de a salvação ser alcançada pela força coletiva – ou seja, por uma geração que se constituirá de uma força messiânica para combater a luta de classes – e não por um “Messias”, um único indivíduo. Adiante será melhor explicado o messianismo benjaminiano.

É fundamental entender que, de acordo com Löwy (2010), a obra de Benjamin é multifacetada, perpassada por uma análise crítica da cultura, da história e da política. Conforme Andréia Meinerz (2008), Benjamin ultrapassa livremente as fronteiras das disciplinas e cria uma imagem da Era Moderna, fazendo diálogo entre filosofia, literatura, cinema, arquitetura, fotografia, psicanálise, desenvolvimento técnico e social, campos onde fez discussões, reflexões e relações pertinentes.

Em relação à biografia de Benjamin,² é importante contextualizar que o autor é fruto do seu tempo histórico e, sendo assim, vivenciou os efeitos das contradições que uma época histórica produz em um indivíduo, pois o filósofo esteve no centro de alguns dos maiores e mais dramáticos acontecimentos da Europa, como a Segunda Guerra Mundial. Conforme Meinerz (2008) observa, o pensador judeu foi vítima da perseguição nazista e esteve no exílio sem residência própria, escapando de um lugar para outro. Sua vida foi repleta de adversidades e frustrações tanto profissionais quanto sociais e familiares. Sua família o sustentou até 1930 e, após grandes dificuldades financeiras, Benjamin passou a ser bolsista do Instituto de Pesquisa Social (Escola de Frankfurt). Nessa época, o autor empenhou-se para apresentar sua tese

² O contexto que Benjamin, cronologicamente, vivencia e no qual que está inserido é entre as duas guerras mundiais. Isso permite que se faça uma inferência sobre a razão de o filósofo enxergar a história sob um ponto de vista tão dramático e trágico.

de livre-docência, *A origem do drama barroco alemão*, ao Departamento de Literatura da Universidade de Frankfurt, com a intenção de conseguir uma função naquela instituição de ensino. Assim, sobre a tese de livre docência, comenta Gagnebin (1999, p. 204):

Essa obra difícil, renovadora e erudita, obscura e brilhante, é característica da relação ambígua que Benjamin mantém com a tradição acadêmica: sob a avalanche de citações se perfila uma crítica mordaz à historiografia complacente e autocrênica da “ciência burguesa”, em particular da filosofia e da teoria literária. A irreverência concorre com a sutileza num texto indigesto, simplesmente ilegível para os olhos (e a cabeça) de professores acostumados ao estilo acadêmico respeitoso.

Diante do argumento de Gagnebin (1999), verificou-se que os professores, ao avaliarem os estudos de Benjamin, confessaram não compreender o seu trabalho. Na verdade, o que surpreendeu os professores foi uma obra complexa, erudita e hermética que apresenta ideias e questões com citações e fragmentos de outros autores (como numa pintura cubista). Isto é, Benjamin não desenvolveu uma ideia linear do pensamento, como de costume. Dessa maneira, o filósofo critica, nessa obra, o conceito de sistema na filosofia. Assim escreve o autor:

Na medida em que a filosofia é determinada por esse conceito de sistema, ela corre perigo de acomodar-se neste sincretismo que tenta capturar a verdade numa rede estendida entre vários tipos de conhecimento, como se a verdade fosse de fora para dentro. Mas o universalismo assim adquirido por essa filosofia não consegue alcançar a autoridade didática da doutrina. Se a filosofia quiser permanecer fiel à lei de sua forma, como representação da verdade e não como guia para o conhecimento, deve-se atribuir importância ao exercício dessa forma, e não a sua antecipação, como sistema (BENJAMIN, 1986a, p. 50).

A afirmação acima permite supor que a obra de Benjamin é variada e abrangente, pois aborda diversos temas de maneira

fragmentada. Além disso, Benjamin tem um estilo diferenciado e, para ele, nenhum assunto deve ser deixado de lado, tudo lhe desperta o interesse, ou seja, sua atenção se volta, principalmente, para as questões abandonadas pelas práticas filosóficas instituídas. Por exemplo, Benjamin mostra-se muito atento e preocupado com os oprimidos, que geralmente são deixados à margem não só da sociedade, mas também da atividade intelectual. Assim, todo o pensamento do filósofo alemão caminha no sentido de lutar em prol das classes desfavorecidas e dos lugares do seu tempo que eram menosprezados ou ignorados.

No decorrer de sua vida, Benjamin publicou poucos materiais e acabou deixando alguns textos inacabados, como as suas *Passagens* (*Passagenwerk*). Benjamin possui um estilo de escrita bem diversificado e sempre foi contra o academicismo sistemático, por isso não obedecia ao método sistemático tradicional; preferia a “louca técnica do mosaico composto de citações”, conforme nos lembra Hannah Arendt (1991, p. 186). Para Benjamin, método significa um “caminho indireto, desvio” (1986, p. 50), algo que é contrário às normas estabelecidas, ou seja, o filósofo não submetia-se à doutrinação do ensino, nem a regras nem a preceitos que fossem para a dominação do sujeito, principalmente porque, para o autor, sistematizar um modelo, por exemplo, e excluir outros, é restringir o indivíduo a novas possibilidades que lhe poderiam ser conveniente para determinado momento.

Em vista disso, como dito anteriormente, a presente pesquisa pretende investigar o ensaio como forma em Walter Benjamin e mostrar de que maneira a escrita dele responde às temáticas de experiência, narratividade, progresso e história. Em outras palavras, escolhi trabalhar, nesta pesquisa, as críticas de Benjamin em relação ao progresso e à mercantilização da sociedade capitalista. Além disso, a dissertação busca analisar e refletir de que forma os conceitos de experiência, narratividade, história e o ensaio como forma em Benjamin podem ajudar a pensar o processo educativo e a formação do ser humano numa perspectiva, é claro, benjaminiana.

Assim, a fim de analisar o ensaio como forma em Benjamin, o primeiro capítulo deste estudo apresenta o conceito de experiência e narratividade na obra do autor e sua relação com a tradição e a educação. Para esta análise, textos de Benjamin como “Experiência e pobreza” (1933), “O Narrador” (1936) e “Alguns temas em Baudelaire” (1939) serão explorados a fim de compreendermos a perda da experiência tal como formulada pelo autor. Conforme Jeanne Marie Gagnebin explica, a crítica de Benjamin, nesses ensaios, é a de que as relações sociais têm sido esvaziadas e a humanidade perdeu a

capacidade de trocar experiências, ou seja, o homem está mais pobre de “experiências comunicáveis” (BENJAMIN, 1986b, p. 115). No campo da educação, essas categorias serão discutidas a fim de percebermos qual a relação existente entre educação, experiência e narratividade em Benjamin. Por fim, o capítulo busca mostrar a aproximação que há entre essas categorias e o processo educativo.

O segundo capítulo discute as noções de progresso e história em Walter Benjamin, abordando a preocupação do autor em relação à herança que a concepção linear de história deixa para o mundo. De acordo com Löwy (2010), Benjamin quer romper com a linearidade a fim de mostrar uma outra dimensão da história e do tempo, pois há múltiplas histórias simultâneas e não uma lógica da história que é posta de maneira superior. Para Benjamin, quem reconta os fatos do passado são os vitoriosos, que sempre irão narrá-los do seu ponto de vista. A partir do momento em que se rememoram as vozes silenciadas, é dada a oportunidade de reescrever a história e torná-la mais democrática. Segundo o autor, o processo de releitura do passado deve ser contínuo, pois nenhuma releitura é definitiva, trata-se de um olhar voltado para o passado, mas não tal como foi contado, e sim para aquilo que não foi dito acerca dele. O resultado, é claro, seria uma nova leitura do tempo presente.

Nesse sentido, como dito, Benjamin se opõe à noção de linearidade e progresso na história, ressaltando a atividade do historiador como política e enfatizando a necessidade de recontar o passado em suas ruínas e fragmentos. O segundo capítulo analisa o texto “Sobre o conceito da história”, que, conforme Löwy, é um dos textos filosóficos e políticos mais importantes dos século XX. Além disso, o capítulo também discute o texto “A vida dos estudantes”, no qual o filósofo pontua a força do sistema financeiro sobre a educação e a produção intelectual, argumentando que a consequência da noção de “utilidade” é a carência de conhecimento crítico e autêntico, pois, na universidade, o indivíduo que poderia dedicar-se a uma ciência empenhada no rigor intelectual acaba por deixar esvaecer sua identidade e se entrega à ilusão do progresso capitalista.

O terceiro capítulo da investigação tenta mostrar a aproximação que há entre o ensaio e o processo educativo, assinalando quais as contribuições da escrita ensaística benjaminiana para a educação. Além disso, em vista do que foi dito nos capítulos anteriores, o texto mostra de que maneira a escrita de Benjamin responde às temáticas de experiência, narratividade, história e progresso a partir de uma estratégia textual particular.

Dessa forma, os questionamentos que se levantam são os seguintes: de que modo o ensaio como forma contribui para o processo educativo a partir de uma leitura benjaminiana? Como é possível perceber a relação existente entre educação, experiência e narratividade em Benjamin? Como se pode perceber, no ensaio em Walter Benjamin, a resistência à noção de história linear e progresso? De que maneira o ensaio como forma em tal autor responde às temáticas de experiência, narratividade, história e progresso?

Destaco ainda que a hipótese desta pesquisa é a de que o ensaio benjaminiano permite refletir e repensar sobre as concepções racionalistas da educação, que afastam cada vez mais o sujeito do coletivo, da vida humana, dos laços com as tradições e gerações, pois o ritmo acelerado e pautado no progresso não permite que consigamos nos orientar para construir críticas sociais mais relevantes e embasadas no bem comum. Nesse entendimento, a hipótese desta pesquisa é a de que o ensaio como forma demonstra que a formação deve também ter esse caráter mais aberto que possibilita criar e recriar questões referentes ao processo educativo. É importante enfatizar que Benjamin não traz uma proposta educacional, na verdade acredito que ele seja contra a ideia de qualquer plano tanto para o campo da educação quanto para outro setor.

Dessa maneira, pensar no legado do ensaio como forma em Benjamin pressupõe a possibilidade de entendê-lo como uma constante experiência sobre o conhecimento, ou seja, o fato de esse filósofo pretender experimentar e ensaiar nos faz refletir sobre o quanto a educação direcionada para prática profissional institucionaliza e isola o saber.

Ressalto ainda que tanto as escolhas dos textos quanto as minhas interpretações não pretendem abarcar a totalidade dos temas das obras benjaminianas ou esgotar suas inúmeras compreensões. Cabe aqui apenas levantar questões particulares para uma observação mais atenta do ensaio como forma em Benjamin, salientando sua relação com o campo da educação. Se, com isso, for possível colocar perguntas pertinentes, a pesquisa já terá cumprido seu papel, pois novos olhares e discussões podem ser lançados ao longo desta produção, assim como outros autores e categorias podem ser inseridos neste percurso.

2 O CONCEITO DE EXPERIÊNCIA E NARRATIVIDADE EM WALTER BENJAMIN

O que foi feito de tudo isso? Quem ainda encontra pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1986b, p. 114).

Neste capítulo, será analisado um dos conceitos centrais da obra de Benjamin, o de experiência (*Erfahrung*), a partir do qual o autor antecipa o diagnóstico da pobreza de experiência no mundo contemporâneo. Na seção 2.1, a discussão se voltará para o desaparecimento da narrativa, quando Benjamin analisa a obra de Nikolai Leskov, que simboliza algo que está desaparecendo: o contador de histórias. Na seção 2.2, serão as noções de “experiência plena” (*Erfahrung*) e “vivência” (*Erlebnis*) que entrarão em debate. Por fim, na seção 2.3, será sugerida uma possível relação entre experiência e narrativa, tal como aparecem na obra de Benjamin, e educação.

Dito isso, é importante enfatizar que, para o pensador alemão, a “cotação de experiência baixou”, e numa visão reveladora traz sua sentença: “Uma miséria totalmente nova se abateu sobre o homem com este desenvolvimento monstruoso da técnica” (1986, p. 195). Para o filósofo, as experiências que eram antes comunicadas entre as gerações e transmitidas num ritmo lento, pautado na tradição comunicativa, entraram em decadência; a rigor, esse empobrecimento está relacionado à incapacidade de narrar (contar histórias). Evidencia-se a postura de Benjamin nesta passagem de “Experiência e pobreza”, um ensaio breve que trata de questões historiográficas relativas à memória após a Segunda Guerra Mundial:

Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar

histórias como elas devem ser contadas? (1986a, p. 195).

Dessa forma, em seu ensaio “Experiência e pobreza” (1933), Benjamin discorre que a retração da transmissão de experiências foi fomentada pela dissolução do modelo familiar patriarcal e pelo trauma europeu devido à Primeira Guerra Mundial. Por isso, as experiências das antigas gerações, que eram passadas aos mais jovens através das parábolas, fábulas, histórias, provérbios e baseadas na construção da tradição e da memória, encontram-se em declínio acentuado. Benjamin exemplifica o sentido da tradição e da memória como princípio e transmissão do saber, relatando, no início do texto “Experiência e pobreza”, uma fábula sobre um tesouro enterrado na vinha. Em poucas palavras, a fábula expressa um legado que não depende do tempo, pois é capaz de ser transmitido de geração em geração e de servir também como conselho. Assim ele narra:

Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho (BENJAMIN, 1986a, p. 114).

Infere-se, por meio da parábola, que, segundo Benjamin (1986a: 105), a experiência é a “matéria da tradição, tanto na vida privada quando na coletiva”. Ela é um tipo de saber que se mantém num espaço e tempo para além do racional, ou seja, não está condicionada pelo tempo, e por isso sustenta o fazer e o saber de uma coletividade/comunidade. Da mesma forma, a questão da tradição, demonstrada nesta parábola, contextualiza as ações e mostra de que maneira as pessoas se relacionam umas com as outras. Nessa perspectiva, Olgária Matos (1989, p. 53) defende que a tradição corresponde em Benjamin à identificação de um *agora* que inclui o “absolutamente presente” fundamentado na rememoração (*Eigendenken*), sendo unidade do presente, do futuro e do passado; dessa maneira, a experiência significa a possibilidade de interromper o

contínuo da história, estabelecendo uma outra temporalidade.

Além disso, naquela época, Benjamin já percebia que o crescimento das massas e a maneira como o homem moderno se movimentava impossibilitavam a invocação do saber da tradição, restando-lhe apenas silenciar diante da realidade. Dito isso em relação à perda da experiência, Benjamin problematiza: “A quem ajuda, hoje em dia, um provérbio? Quem sequer tentará lidar com a juventude invocando sua experiência?” (1986a, p. 195).

Cabe ressaltar que, no texto “Experiência e pobreza”, o filósofo alemão também discute questões historiográficas relativas à memória após a Primeira Guerra Mundial. Nesse momento, o autor fala da experiência como um conhecimento de caráter coletivo, transmitido entre as gerações, e que foi destruído pelo homem moderno. Em particular, Benjamin aponta o caráter singular da geração que viveu a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), momento em que houve o empobrecimento de “experiências comunicáveis”, pois os veteranos de guerra retornavam mudos dos campos de batalha:

Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. Os livros de guerra que inundaram o mercado literário nos dez anos seguintes não continham experiências transmissíveis de boca em boca. Não, o fenômeno não é estranho. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano (BENJAMIN, 1986a, p. 195).

Nessa passagem, evidencia-se que a vivência da guerra teve características tão monstruosas que repassar essa experiência tornava-se impossível para os soldados. Como dito, de acordo com Benjamin (1986a), com o fim da guerra, observou-se que os combatentes voltavam

mudos dos campos de batalha, não mais ricos e sim mais pobres em experiências comunicáveis, pois o que se difundiu dez anos depois nos livros sobre a guerra nada tinha em comum com experiências transmitidas de boca em boca. O silêncio deles, de certa forma, explicava a selvageria vivida, que fazia com que voltassem calados e impossibilitados de relatar com propriedade narrativa o drama vivenciado; em outras palavras, não conseguiam narrar um evento de forma coerente. Eles perceberam o desprezo pela vida humana e o uso da técnica na destruição da vida, já que se investia muito no desenvolvimento da indústria armamentista.

Diante disso, Benjamin, ao referir-se ao contexto pós-Primeira Guerra, caracteriza a pobreza de experiência como resultado da idolatria à técnica, do consumismo, da troca da tradição e do discurso pela simples informação. Assim, o homem, na modernidade e urbanidade, enxerga seu semelhante como mais uma mercadoria disponível e tendo pouco a refletir sobre a noção de coletividade e sobre si mesmo. Assim escreve o filósofo:

É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (1986a, p. 197).

Como mencionado anteriormente, para Benjamin, foi em virtude da Primeira Guerra Mundial que as pessoas se tornaram mais pobres de experiências comunicáveis, tendo como consequência a carência de uma tradição cultural, provocando, dessa maneira, um novo quadro de barbárie. Percebe-se, com isso, que a forma como a contemporaneidade quer que sejam dadas as informações explica, em parte, o desaparecimento do narrador. Pois as informações, além de serem cada vez mais sucintas, são geralmente insuficientes para a conquista de um conhecimento significativo; com efeito, as informações não são assimiladas por muito tempo e, por isso, promovem apenas uma rápida e vaga compreensão dos conteúdos pelos indivíduos. Nesse sentido, Agamben afirma:

Pois o dia-a-dia do homem contemporâneo não contém quase nada que seja ainda traduzível em

experiência: não a leitura do jornal rica em notícias do que lhe diz respeito a uma distância insuperável; (...) não a fila diante dos guichês de uma repartição ou a visita ao país de Cocanha do supermercado nem os eternos momentos de muda promiscuidade com desconhecidos no elevador ou no ônibus. O homem moderno volta para casa à noitinha extenuado por uma mixórdia de eventos – divertidos ou maçantes, banais ou insólitos, agradáveis ou atrozés – entretanto nenhum deles se tornou experiência (AGAMBEN, 2005, p. 22).

A propósito, cabe realçar o que Gagnebin (1999) também observa quanto à banalização da técnica e sua força brutal, que foram agravadas na Primeira Guerra Mundial e continuam a avançar ainda hoje, de forma que os sujeitos não conseguem absorver e nem entender os avanços alcançados por ela, o que acarreta a dificuldade de verbalizar as experiências e impede que os indivíduos sejam capazes de transmitir narrativas e, com isso, dar ensinamentos morais. Assim, comenta Gagnebin (1999, p. 67-68): “No domínio psíquico, os valores individuais e privados substituem cada vez mais a crença em certezas coletivas, mesmo se estas não são nem fundamentalmente criticadas nem rejeitadas”.

Dessa maneira, a sociedade moderna inviabiliza qualquer chance e intenção de estabelecer um trabalho coletivo que vislumbre uma postura e atitude em prol da transformação da realidade social, pois troca os princípios sociais do modo de vida comunitário de antigamente pelo individualismo e interesse próprio. Consequentemente, faz gerar uma nova forma de miséria. O homem moderno, criticado por Benjamin, é aquele que não realiza a experiência (*Erfahrung*), já que concentra seus momentos apenas na superficialidade do consumismo, das sensações de uma racionalidade calculista que dificulta qualquer tipo de reflexão.

2.1 O DESAPARECIMENTO DA NARRATIVIDADE

No ensaio “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (1936), Benjamin analisa a obra de Leskov, que simboliza algo que está desaparecendo: o contador de histórias. Assim como no ensaio “Experiência e pobreza”, citado acima, o autor ainda prova estar impactado com a evolução técnica da sociedade moderna. Entretanto, o filósofo agora aborda o problema da experiência numa outra

perspectiva, ou seja, Benjamin discute não apenas a relação dos efeitos da técnica na subjetividade das vanguardas artísticas mencionadas no texto “Experiência e pobreza”, mas também discorre sobre o homem que transmitia a experiência: o contador de histórias. Nas palavras de Benjamin,

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas, ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido (1986a, p. 204-205).

Com essa compreensão, Benjamin (1986a) aborda as diferentes formas de narrativas, como a historiografia clássica, o romance de cavalaria, a epopeia grega, a crônica medieval e o conto popular. O filósofo observa que o desaparecimento do narrador começou em nossa sociedade desde o fim da Primeira Guerra e faz a seguinte afirmação: “Por mais familiar que seja o seu nome, o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo de distante e que se distancia ainda mais” (1986a, p. 197).

Em *História e narração em Walter Benjamin*, Gagnebin (1999, p. 56-57) verifica que o problema da narrativa já ocupava o pensamento de Benjamin desde os anos 1920:

Se essa problemática da narração preocupa Benjamin desde tanto tempo – e continuará a preocupá-lo até a sua morte – é porque ela concentra em si, de maneira exemplar, os paradoxos da nossa modernidade e, mais especificamente, de todo o seu pensamento. Essa problemática, que havíamos resumido como a impossibilidade da narração e a exigência de uma nova história, manifesta-se nas suas contradições quando lemos, um depois do outro, os ensaios sobre “O Narrador” e sobre “Experiência e pobreza”, dois textos contemporâneos, paralelos, e até semelhantes em várias passagens e que chegam, no entanto, a conclusões muito divergentes.

Dessa forma, retomando a análise já feita em seu ensaio

“Experiência e pobreza”, Benjamin examina em “O Narrador” os fatores socioculturais que ocasionaram o esgotamento da narração e que acentuaram ainda mais o declínio da experiência (*Erfahrung*) na sociedade moderna.

Dessa maneira, para o pensador alemão, houve distanciamento entre os narradores e os demais indivíduos. O autor alerta que esse distanciamento favorece a um entendimento da arte de narrar e de sua possível extinção. Nas palavras de Benjamin, “é como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (1986a, p. 198).

É importante acrescentar que, na visão benjaminiana, a arte de narrar era atribuída ao marinheiro comerciante e ao camponês sedentário, que transmitiam suas experiências aos demais. De acordo com o autor, o primeiro viaja muito e, por isso, tem muitas histórias para contar e experiências para dividir; o segundo, por outro lado, nunca viajou, mas é um depositário das narrativas e das tradições de onde permaneceu. Benjamin argumenta que os verdadeiros e grandes narradores se alimentam de experiências transmitidas de pessoa para pessoa. Sendo assim, “entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se destituem das histórias orais contadas pelos narradores anônimos” (1986b, p. 198).

No entanto, Benjamin considera que as experiências estão, desde a época do Pós-Guerra, desaparecendo. Um dos motivos para essa situação deve-se ao fato de que as experiências perderam sua importância para os indivíduos, uma vez que antes eram transmitidas pela oralidade, forma inicial do que hoje conhecemos como conto e fonte resultante e original de todas as narrativas:

Basta olharmos um jornal para percebermos que seu nível está mais baixo que nunca, e que da noite para o dia não somente a imagem do mundo exterior, mas também a do mundo ético sofreram transformações que antes não julgaríamos possíveis (BENJAMIN, 1986b, p. 198).

O diagnóstico benjaminiano da pobreza de experiência deixa claro que está cada vez mais difícil encontrar alguém capaz de contar algum evento. Um dos fatores que Benjamin aponta para o declínio da experiência é a crescente desvalorização da tradição, ou seja, vemo-nos destituídos de experiências coletivas socializadas e plenas de sentido. Isso se deve, por exemplo, ao apagamento da tradição na modernidade,

ao esquecimento dos ritos, das datas de exceção, dos feriados e das festividades, em suma, à perda de valores éticos e morais.

Outro traço importante é que a arte de narrar também está em extinção devido à sociedade estar cada vez mais voltada à técnica instrumental e utilitária. Este foi um dos problemas que o desenvolvimento científico acarretou. A sociedade consumista e autoritária nos priva de narrar histórias; instaurou-se, portanto, a incapacidade de troca de experiência:

Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio [...] Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações (BENJAMIN, 1986a, p. 197-198).

Além do mais, outro aspecto relevante diz respeito ao fato de o narrador ter como questão central a vida humana, ou seja, esse narrador demonstra uma relação artesanal com a vida. Em outras palavras, ele sabe dar conselhos baseando-se em toda uma vida e, como um sábio, aconselha num sentido verdadeiro, isto é, repassa ensinamentos de uma vida para todos. Do ponto de vista benjaminiano, a narrativa se formou em volta das mais “antigas formas de trabalho manual” (1986, p. 205):

A narrativa floresceu num meio de artesão, (...) é ela própria uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.

Também, sob essa ótica, vale dizer que, para se dar o aconselhamento, é preciso antes saber narrar a sua história, a sua situação. Por isso, há uma intenção maior em definir o narrador e a narrativa, ou seja, segundo essa citação benjaminiana, a narrativa

contém em si um caráter artesanal no qual é necessário um aprofundamento sobre o que se comunica, pois não é simplesmente como dar uma informação ou apresentar um relatório. Nesse sentido, Benjamin está preocupado com a perda da caracterização da experiência coletiva e em apontar problemas que surgem por causa desse acontecimento. Para ele, a incapacidade da comunicação gera a morte da “comunicabilidade” devido à diminuição/extinção da *Erfahrung* (experiência coletiva) e, por isso, também, o fim da narração tradicional. Assim, salienta Benjamin (1986a, p. 200):

Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio, seja numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos.

Vale ressaltar que, de acordo com Jeanne Marie Gagnebin, Benjamin conserva certa entonação melancólica e nostálgica em sua obra quando se reporta a questões que remetem à memória e ao passado, porém, ainda segundo Gagnebin (1999), trata-se de um posicionamento plausível para os teóricos do “desencantamento do mundo”. No entanto, Benjamin não se limita a essa postura e vai muito além de manifestar apenas uma crise melancólica. O autor critica a perda da nossa capacidade de “contar” e de “compartilhar experiências”, que provoca o fim da arte da narrativa tradicional, dependente dessa aptidão.

O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Porém esse processo vem de longe. Nada seria mais tolo que ver nele um ‘sintoma de decadência’ ou uma característica ‘moderna’. Na realidade, esse processo, que expulsa gradativamente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas (BENJAMIN, 1986b, p. 200-201).

Dessa forma, a impossibilidade da narração está relacionada às mudanças da sociedade moderna, o que acarreta a perda da orientação prática, ou seja, os indivíduos, no capitalismo, estão incapacitados de sentir, ouvir e seguir as histórias, há uma incapacidade em dar e receber um verdadeiro conselho. Diante dessa realidade, tal como Gagnebin constata, “as histórias do narrador não são simplesmente ouvidas ou lidas, porém escutadas e seguidas” (GAGNEBIN, 1999, p. 57):

2.2 EXPERIÊNCIA PLENA E EXPERIÊNCIA DE CHOQUE (VIVÊNCIA)

No ensaio “Sobre alguns temas em Baudelaire”, Benjamin (1939) recorre ao poeta e desenvolve, de maneira mais clara e a partir da análise de seus poemas líricos, as noções de “experiência plena” (*Erfahrung*) e “experiência de choque” (*Chockerlebnis*) ou “vivência” (*Erlebnis*). Assim, a poesia de Baudelaire se torna, para Benjamin, um território capaz de desvendar os pormenores da escrita poética e, dessa forma, de responder à seguinte pergunta: “de que modo a poesia lírica poderia estar fundamentada em uma experiência para qual o choque se tornou a norma?” (BENJAMIN, 1989a, p. 110).

Nesse sentido, Benjamin desvela, na lírica de Baudelaire, problemas e conceitos que estão relacionados à experiência. Assim, Gagnebin (1999) diferencia duas palavras essenciais em Benjamin: *Erfahrung* e *Erlebnis*. A primeira representa a experiência que está vinculada a uma temporalidade compartilhada com diversas gerações. Conforme Gagnebin explica, a experiência resulta de:

Uma tradição compartilhada e retomada na continuidade de uma palavra transmitida de pai para filho: continuidade e temporalidade das sociedades “artesanais” diz Benjamin em “O Narrador,” em oposição ao tempo deslocado e entrecortado do trabalho no capitalismo moderno (GAGNEBIN, 1999, p. 65-66).

Nessa perspectiva, para Benjamin a *Erfahrung* é a sabedoria que se constitui historicamente e é difundida pela tradição, ou seja, a referência de Benjamin à verdadeira experiência agrega-se a um julgamento de valor moral e histórico e refere-se a algo que se dá na coletividade. Além do mais, a experiência genuína, assim entendida por Benjamin, é capaz de ser comunicada e continuada pela tradição e,

portanto, não provém do conhecimento racional, mas se difere qualitativamente dele. Sob essa ótica, o indivíduo da experiência é quem soube resguardar a sabedoria da tradição e permitiu que o passado intervisse no presente. Dessa forma, incorporou a vida particular à vida coletiva e alicerçou uma correlação abastecida pela memória. Assim discorre Benjamin (1989a, p. 197):

Onde há experiência no sentido estrito do termo, entram em conjunção, na memória, certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo. Os cultos, com seus cerimoniais, suas festas (que, possivelmente, em parte alguma da obra de Proust foram mencionados, produziam reiteradamente a fusão desses dois elementos da memória, provocavam a rememoração em determinados momentos e davam-lhe pretexto de se reproduzir durante toda a vida.

Por outro lado, o termo *Erlebnis* significa vivência, ou seja, a experiência do choque que seria um tempo fadado à repetição, ao eterno retorno do mesmo, caracterizado como um exemplo de experiência inferior e improdutivo no âmbito da ação humana. Para Benjamin, nenhuma significação pode ser atribuída a uma vivência, pois ela conclui sua ação no mesmo momento de seu próprio aparecimento.

Para exemplificar o conceito de vivência em Benjamin, tomemos como exemplo o soneto de Baudelaire intitulado “A uma passante”,³ em que podemos ver “a experiência do choque no âmago de seu trabalho artístico” (BENJAMIN, 1989a, p. 111). Segundo o filósofo, esses choques ocorrem no encontro das massas, pela multidão de transeuntes, cujos semblantes e trajetórias se embaralham numa aparição amorfíca (BENJAMIN, 1989b).

Nesse sentido, o sujeito lírico do poema capta o olhar da passante, uma mulher elegante e enlutada. No entanto, devido aos encontros efêmeros e casuais das grandes cidades, o observador deixa sua musa ir embora, e esta se reduz a uma passagem de sua história, sem começo nem fim precisos. Para Benjamin, a modernidade e o urbanístico das metrópoles que surgem no século XIX podem apenas

³ Ao analisar o poema “A une Passante”, Benjamin menciona o aspecto da multidão e o papel da sexualidade e erotismo nas metrópoles; além disso, ele discorre sobre a importância de observarmos o fenômeno urbanístico da grande cidade.

propiciar a experiência de um encontro amoroso fugaz, em que o que se conserva é o trauma de uma promessa não realizada. Assim diz o filósofo: “O arrebatamento desse habitante da cidade não é tanto um amor à primeira vista quanto à última vista. O nunca da última estrofe é o ápice do encontro, momento em que a paixão aparentemente frustrada, só então, na verdade brota do poeta como uma chama” (BENJAMIN, 1989b, p. 42).

A rua em torno era um frenético alarido.
Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,
Uma mulher passou, com sua mão suntuosa
Erguendo e sacudindo a barra do vestido.

Pernas de estátua, era-lhe a imagem nobre e fina.
Qual bizarro basbaque, afoito eu lhe bebia
No olhar, céu lívido onde aflora a ventania,
A doçura que envolve e o prazer que assassina.

Que luz... e a noite após! – Efêmera beldade
Cujos olhos me fazem nascer outra vez,
Não mais hei de te ver senão na eternidade?

Longe daqui! tarde demais! nunca talvez!
Pois de ti já me fui, de mim tu já fugiste,
Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste!
(BAUDELAIRE, 1995, p. 179).

Segundo Benjamin (1989a, p. 126), “A vivência do choque, sentida pelo transeunte na multidão, corresponde à ‘vivência’ do operário com a máquina”, ou seja, tudo é muito fragmentado, por isso o ser humano está saturado de sensações superficiais, apegado apenas a sua existência prática do cotidiano e impossibilitado de obter uma experiência estética ou poética. Ele vive o presente sem vínculos com o passado. Assim declara Benjamin:

O fato de o choque ser assim amortecido [adequadamente e sem trauma] e aparado pelo consciente emprestaria ao evento que o provoca o caráter de experiência vivida em sentido restrito. E, incorporado imediatamente este evento ao acervo das lembranças conscientes, o tornaria estéril para a experiência poética. (1989a, p. 59)

Além disso, em relação ao poema, para Benjamin, Baudelaire posiciona-se contrário ao que as multidões das metrópoles fazem gerar, pois a vida moderna priva o homem de ser e sentir experiências plenas. Por exemplo, a multidão que antes fascinou o *flâneur*, agora é fonte de dor e amargura, recebendo-o a cotoveladas (BENJAMIN, 1989a). Baudelaire “determinou o preço que é preciso pagar para adquirir a sensação do moderno: a desintegração da aura na vivência do choque” (BENJAMIN, 1989a, p. 145). Assim, a modernidade de Baudelaire traz em si o seu contrário, pois, resistindo a ela, o poeta demonstra em seus textos as ruínas criadas pela modernidade e pelo capitalismo moderno na sociedade do século XIX, resultando na impossibilidade de uma experiência plena e no desaparecimento da “aura”.

De acordo com Benjamin em seu ensaio “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”,⁴ a “aura” é uma experiência cultural que está vinculada com a tradição. Dessa forma, Benjamin (1986, p. 170) a define “[...] como uma forma singular, composta de elementos espaciais e temporais: aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja”.

Com base nessas considerações, o pensador alemão constatou que o homem moderno, inserido no mundo urbano-industrial, é incapaz de carregar uma experiência plena (*Erfahrung*) que contenha sabedoria e possa ser transmitida a outras pessoas. De acordo com Rouanet (1990), a vida moderna potencializou as situações de choque em todos os níveis: no econômico, no político, no cotidiano e no artístico.

No âmbito econômico, por exemplo, o capitalismo estabelece de que maneira será a produção e o consumo de bens, ou seja, serial e industrializada. Além disso, a crescente industrialização na era moderna estabelece o vínculo que o indivíduo terá com o trabalho, pois essa forma de sociabilidade é “autônoma e coisificada” (BENJAMIN, 1989a, p. 125). Ou seja, o sujeito, envolvido com o trabalho na linha de montagem, perde o vínculo teológico e sentimental encontrado no trabalho artesanal, pois a fragmentação na linha da montagem homogênea e uniformiza a atitude do operário nas fábricas.

Dessa maneira, pode-se dizer que, nas fábricas, o choque passa a marcar a experiência do trabalhador diante das máquinas. Em outras palavras, como o operário, no processo de produção, é um ser alienado do produto final que resultou do seu trabalho, ele não participa mais de todas as etapas de produção, como no caso do trabalho artesanal. Diante

⁴ A compreensão da “aura” em Benjamin significa associá-la à obra de arte em seu aspecto legítimo, único e original.

da linha de produção, o trabalhador é levado a um comportamento automático, assim como a máquina que ele opera. Nesse sentido, tal como Benjamin observa (1989a, p. 125):

Todo trabalho com a máquina exige [...] um adestramento prévio do operário. A peça entra no raio de ação do operário, independentemente de sua vontade. E escapa dele da mesma forma arbitrária. [...] No trato com a máquina, os operários aprendem a coordenar seu próprio movimento ao movimento uniforme, constante de um autônomo.

Diante dessa perspectiva, Benjamin discute, a partir da poesia de Baudelaire, alguns aspectos que constituem a experiência na modernidade, e argumenta que o indivíduo das grandes cidades está diariamente submetido aos choques da multidão. O choque é o elemento fundamental para a experiência da lírica baudelaireana, pois nos poemas a atitude do poeta é consciente e reflexiva e, por isso, capaz de assimilar o choque.

Nesse sentido, o poeta francês mostrou, alegoricamente, os destroços criados pela modernidade, porém resistindo ao declínio da percepção e tentando conservar em si a *Erfahrung*. Como diz Gagnebin: “A alegoria baudelaireana e a alegoria moderna em geral são, assim, fruto da melancolia e da revolta” (1999, p. 45).

Com base nesses argumentos, o processo de criação poética em Baudelaire se dá pela tentativa de resistência ao choque. Para Benjamin (1989a, p. 111), “Baudelaire abraçou como sua causa aparar os choques, de onde quer que proviessem, com o seu ser espiritual e físico. A esgrima representa a imagem dessa resistência ao choque”.

A produção poética de Baudelaire está associada a uma missão. Ele entreviu espaços vazios nos quais inseriu sua poesia. Sua obra não só se permite caracterizar como histórica, da mesma forma que qualquer outra, mas também pretendia ser e se entendia como tal (BENJAMIN, 1989a, p. 143).

Sob essa ótica, Baudelaire expõe que o âmago da criação artística na modernidade tem um caráter de não acomodação, de inquietação e, portanto, de resistência ao choque. No entanto, as ruínas da modernidade não podem retroceder: o que o poeta pode empreender

constituem apenas tentativas ou possibilidades de afastamento momentâneo delas. Nesse sentido, Baudelaire se opõe às forças do mundo moderno; ele tenta, através de sua criação, aparar seus choques a fim de amenizá-los. Com esse gesto, pretende transformar essas experiências esvaziadas em matéria de arte, em uma experiência poética das mais expressivas. Assim afirma Gagnebin:

Baudelaire não é nem um poeta Kitsch romântico, que ficaria preso à nostalgia do passado, nem um poeta triunfalista modernoso, que limitar-se-ia à apologia do existente. A sua verdadeira modernidade consiste em ousar afirmar, ao mesmo tempo e com a mesma intensidade, a força e a fragilidade da lembrança, o desejo de volta e a impossibilidade do retorno, o vigor do presente e a sua morte próxima. Se essa tensão define, na leitura benjaminiana, a modernidade de Baudelaire, talvez possamos afirmar que ela também descreve, na nossa interpretação, a modernidade de Benjamin. (GAGNEBIN, 1999, p. 152)

Para Gagnebin (1999), a obra de Baudelaire captura os temas e as problemáticas da modernidade. Paralelamente, Baudelaire recusa-se a aceitá-los passivamente, pois o poeta, através de sua criação, resiste à modernidade e reconhece que o que hoje é recebido como novo é marcado pelo seu fim próximo, pois o novo rapidamente torna-se antigo.

Mediante esses argumentos e, segundo Gagnebin (1999), a função da criação de Baudelaire é a de denunciar a alienação dos indivíduos resultante das transformações ocasionadas pela sociedade capitalista. De acordo com Benjamin (1989), o desejo de Baudelaire era “interromper o curso do mundo”, e esse também era o anseio de Benjamin. Na verdade, ambos assumem em sua escrita a defesa da possibilidade de fazer com que o mundo moderno siga outro rumo. Assim, alerta Baudelaire (1995, p. 515):

O mundo vai acabar. A única razão pela qual ele poderia durar é a de que ele existe. Uma razão afinal bem fraca, comparando com todos aqueles que anunciam o contrário, e em particular a seguinte: O que é que ainda lhe resta a fazer no universo?

Sendo assim, infere-se que tanto Benjamin quanto Baudelaire se indignam em torno da maneira com que o mundo se conduz e querem que o poeta moderno, antigo “bebedor de quintessências” (BAUDELAIRE, 1995, p. 189), se revolte com a falta de sentido que há no fetichismo pela mercadoria e no desenvolvimento tecnológico.

2.3 RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO, EXPERIÊNCIA E NARRATIVIDADE EM BENJAMIN

No campo da educação, os temas discutidos acima ajudam a compreender a necessidade de, primeiramente, distinguir e entender a noção de experiência plena e vivência, como foi explicado anteriormente. A primeira consiste em uma ação refletida, rememorada, compartilhada, perdurando e mantendo-se com a característica de ser atemporal, pois nela há a socialização e a transmissão de um tipo de experiência verdadeira. Já a segunda é uma ação que se dissipa no instante de sua realização; trata-se de um tipo inferior de experiência, pois é improdutiva no campo da ação humana.

Portanto, como para Benjamin a vivência se finda no momento de seu próprio acontecimento e está fadada à sua repetição do mesmo, é necessário que o ato educativo tenha um caráter coletivo. Nessa perspectiva, essas reflexões evidenciam, num primeiro momento, a necessidade de diferenciá-las. Apesar de, para Benjamin, não é possível, no mundo moderno, transformar as vivências em experiências no sentido compreendido pelo filósofo, ao menos devemos estar conscientes e ter discernimento de que as vivências são menos efetivas para uma educação voltada para a tradição e para o coletivo. A bem da verdade, a cultura na qual vivemos está unificada e cada vez mais se massifica, pois consumimos e convivemos com as mesmas coisas, ou seja, há um caráter de esvaziamento nas relações humanas, o dia a dia dos sujeitos está pautado no produtivismo, não se observa, na sociedade, o comprometimento com uma real transformação social.

Perdeu-se, dessa maneira, a capacidade que a narrativa possui, que diz respeito à possibilidade do aconselhamento; da mesma forma, tornou-se inviável, em nossa atual forma de sociabilidade, o aspecto inerente à narrativa, a saber, o de servir em prol de uma totalidade que visa ao ser humano, às suas condições e aos valores que o integram. Por isso, Benjamin diagnosticou o quanto, no mundo capitalista moderno, houve o enfraquecimento da experiência plena, dando lugar apenas à infértil vivência.

Além disso, é importante acrescentar que, nos dias atuais, pensar nas concepções benjaminianas sobre experiência, assim como na questão da mediação dos aparatos tecnológicos, nos faz refletir sobre o quanto a educação e a tecnologia estão a serviço de estratégias mercadológicas. Numa perspectiva crítica, é fundamental reconhecer que os efeitos da reprodução mecânica – ou seja, da informação instantânea que é efêmera e transitória – não correspondem ao sentido de uma experiência plena que Benjamin discutia. Em outras palavras, os aparatos tecnológicos vão de encontro à busca de um estilo de vida mais pleno de sentido, pautado na tradição, que ultrapassa as fronteiras das questões mercadológicas e que Benjamin entendia por uma experiência verdadeira.

Dessa maneira, a forma empobrecida pautada numa visão utilitarista sobre como a tecnologia é utilizada não está permitindo que a internet, por exemplo, possa revigorar a favor de uma experiência coletiva.

Apesar de esta dissertação não apontar de que maneira a educação e os aparatos tecnológicos se ocuparão da experiência plena, é possível perceber a relação existente entre educação, experiência e narratividade em Benjamin. Nesse sentido, verifica-se que, devido ao caráter histórico diagnosticado por Benjamin sobre os prejuízos e infortúnios da sociedade capitalista, a educação, no contexto que vivenciamos, está impossibilitada de se comprometer com a experiência plena, como agente formativo e construtor que partilha o saber pautado na coletividade e na tradição. Assim, diz Benjamin (1986a: 212): “o narrador conta o que ele extrai da experiência sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história”.

Jorge Larrosa (2015), em seu livro *Tremores*, também discute a questão da experiência que está relacionada com a variação do tempo e a explica “como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (LARROSA, 2015, p. 25).

Assim como Benjamin já havia diagnosticado, Larrosa também aponta para a questão do empobrecimento da experiência e como está cada vez mais inviável o sujeito relatar sua experiência e dela extrair algo que surta algum efeito significativo para a condição da existência humana e para a própria vida do sujeito. Com o modo de vida sendo cada vez mais mecânico e superficial, os sujeitos chegam no final do seu dia inertes ao estímulo de experimentar e vivenciar uma experiência

verdadeira no sentido que Benjamin definiu. Nesse entendimento, Larrosa (2015) declara que “a experiência de quem somos é não sermos ninguém” (2015, p. 54). Também o autor diz que:

a experiência é sempre impura, confusa, demasiado ligada ao tempo, à fugacidade e à mutabilidade do tempo, demasiado ligada a situações concretas, particulares, contextuais, demasiado vinculada ao nosso corpo, a nossas paixões, a nossos amores e a nossos ódios (LARROSA, 2015, p. 39).

Nessa perspectiva, percebe-se que, no campo educacional, o modo automático e a forma como os estudantes estão focados e submetidos estão servindo apenas para o setor profissional e para o utilitarismo. Desse modo, não conseguem estabelecer uma ligação com a tradição e a experiência no sentido em que Larrosa a definiu acima, pois toda lógica racional e sistemática não permite que os sujeitos se envolvam com o coletivo; e, por isso, os estudantes estão impossibilitados de incorporar um espírito voltado para uma mudança radical da atual sociedade.

Outra questão para a qual Larrosa (2015) chama a atenção, em seu texto “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, é o excesso de informação que há, sem que se possa estabelecer vínculo nenhum com a experiência. Além do mais, segundo o filósofo, é preciso separar a informação e a experiência, pois, enquanto a informação apenas nos acrescenta alguma coisa sobre o que antes não sabíamos (por exemplo, depois de irmos a uma conferência, pode-se dizer que alguma informação foi obtida), a experiência, de acordo com o autor, é mais profunda, visto que nos toca e sempre há algo que se sucede. Larrosa elucida que a experiência busca “suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço” (LARROSA, 2015, p. 25). O filósofo também esclarece que:

A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos

informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça (LARROSA, 2015, p. 22).

Desse modo, o autor também discorre sobre o quanto o homem moderno está obcecado pela novidade, o que o impede de obter uma ligação significativa com os acontecimentos e com uma experiência baseada no conhecimento pautado na vida humana. Além disso, os sujeitos estão tornando o tempo uma espécie de mercadoria. Não se pode, de maneira alguma, perder tempo, pois há o receio de se deixar alguma informação de lado e por isso há sempre essa corrida contra o tempo. Nesse sentido, devido a este aceleração e preocupação pelo novo, o homem moderno possui uma memória curta sobre o que lhe ocorreu, pois, para cada fato sucedido, é recolocado outro no lugar. Consequentemente, no campo educacional, o sujeito perde a chance de carregar consigo uma bagagem de acontecimento, uma efetiva experiência. Assim revela o autor:

Nessa lógica de destruição generalizada da experiência, estou cada vez mais convencido de que os aparatos educacionais também funcionam cada vez mais no sentido de tornar impossível que alguma coisa nos aconteça. Não somente, como já disse, pelo funcionamento perverso e generalizado do par informação/ opinião, mas também pela velocidade. Cada vez estamos mais tempo na escola (e a universidade e os cursos de formação do professorado são parte da escola), mas cada vez temos menos tempo. Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que tem de seguir o passo

veloz do que se passa, que não pode ficar para trás, por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, este sujeito já não tem tempo. E na escola o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez mais curtos. Com isso, também em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece (LARROSA, 2015, p. 23).

Dessa forma, o filósofo discorda de que sujeitos ultra-informados adquirem algum tipo de experiência, ao contrário, para esses indivíduos nada lhes acontece, pois quando estão sobrecarregados de trabalho e atividades não conseguem parar para refletir e obter um gesto de sensibilidade em torno do que se sucede, por isso não conquistam um saber de experiência genuíno que se relaciona com o conhecimento e a vida humana. Assim, para o filósofo, “o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura” (LARROSA, 2015, p. 26).

3 HISTÓRIA E PROGRESSO EM WALTER BENJAMIN

O conceito de progresso deve ser fundamentado na ideia de catástrofe. Que “as coisas continuem assim”, eis a catástrofe (BENJAMIN, 1986b, p. 515).

Este capítulo, de maneira geral, tem por finalidade discutir as relações entre o pensamento de Walter Benjamin e as noções de história e progresso⁵. Na seção 3.1, serão abordados os três aspectos que configuram o pensamento de Benjamin: o romantismo, o messianismo judeu e o materialismo histórico. Na seção 3.2 deste capítulo, o texto juvenil de Benjamin, “A vida do estudante”, será analisado e situado dentro da discussão. Na seção 3.3, será feita uma relação entre história, progresso e contexto educacional, ou seja, de que modo, no campo da educação, esses temas discutidos acima são significativos.

Dito isso, é importante pontuar que Benjamin faz uma crítica à visão progressista que produz monstruosidades, impossibilita o presente, é muito homogênea e difícil de ser freada. O pensamento benjaminiano sobre a história e o progresso está ligado à ideia de ruína, pois em Benjamin sempre foi visível que o processo de destituição da experiência e, conseqüentemente, do tempo e da história se dá por causa da modernidade, que conseqüentemente ocorre: o declínio da narração, a perda da aura na obra de arte e da experiência transmissível, a *Erfahrung*.

Ademais, o autor argumenta que a perda da experiência (*Erfahrung*) e o progresso ilimitado provocaram conseqüências como o fim da comunidade no sentido de um grupo social humano que prima pelos valores da coletividade e pela ética da ajuda mútua. E, por isso tudo, consolidou-se um estado de pobreza dos valores, ou seja, pobres no sentido de ação conjunta e da perda da humanidade.

Em particular, o presente capítulo tem por objetivo discutir a concepção de história, modernidade e progresso elaborada por Walter Benjamin por meio de dois de seus escritos sobre tal temática, a saber: “As teses sobre o conceito de história” (1940) e “A vida dos estudantes” (1915). É importante contextualizar a obra com a biografia de Benjamin para que se possa melhor compreender o momento histórico que estava

⁵ A crítica de Benjamin ao progresso refere-se fundamentalmente às teorias que têm por objetivo aplicar o evolucionismo científico ao conhecimento histórico e ao positivismo histórico.

instaurado: “As teses sobre o conceito de história” foram escritas em 1940, no ápice do fascismo na Europa, por isso os textos tornaram-se públicos apenas depois da morte de Benjamin. Já o texto “A vida dos estudantes”, escrito em 1915, corresponde à fase juvenil de Walter Benjamin.

Nesses dois textos, Benjamin se ocupa em discutir sobre o caráter destrutivo da marcha temporal do progresso e da história, apontando a importância de romper com a história linear e deter o rumo da história, pois ela não acontece como se fosse uma linha reta.

Além do mais, novamente ele discute a experiência da vida moderna como afastada e separada da tradição. Dessa maneira, preservar e retomar a tradição é fundamental para lutar contra o conceito da história progressista e reconsiderar a história sob outras perspectivas; e, acima de tudo, perceber o quanto é enganosa e ilusória a ideia da continuidade da história. Para Benjamin, o importante não é a sucessão de fatos históricos, a partir de uma dimensão quantitativa e acumulativa, mas sim a compreensão do seu caráter descontínuo e a necessidade de que esteja aberta de todos os lados.

Gagnebin (1999), em seu livro *História e narração em Walter Benjamin*, discorre sobre o quanto a aceleração técnico-científica limitada pela autossuficiência da racionalidade gerou uma rápida transmissão da informação e, a partir dessa lógica, resultou no declínio da sabedoria coletiva passada de geração em geração, capaz de nos fazer criar, pensar e descobrir. Assim, a autora apresenta a seguinte análise:

Como não há mais sentido próprio sempre surgem novos sentidos, há sentidos demais, o alegorista melancólico inventa cada vez mais sentidos, acrescenta-os segundo seu bel prazer — ou segundo a morte. Nas suas mãos os objetos perdem sua densidade costumeira e se dispersam numa multiplicidade semântica infinita (GAGNEBIN, 1999, p. 40).

Segundo Löwy (2010), há em Benjamin o projeto de uma filosofia da história que consiste em uma crítica à modernidade capitalista influenciada por referências culturais e históricas pré-capitalistas. Além disso, Benjamin, influenciado por três diferentes perspectivas, o romantismo, o messianismo judeu e o materialismo histórico, contesta e problematiza o progressismo linear que, além de acreditar na sociedade burguesa, apenas quantifica os aspectos da vida

numa perspectiva sequencial, como se fosse uma linha reta. Por essa razão, Benjamin discute a decadência dos valores humanos e a questão utilitária que estabelece a relação entre os homens e a natureza. Löwy (2010, p. 199) explica que Benjamin

[...] bebe em três fontes diferentes: o romantismo alemão, o messianismo judeu e o marxismo. Não é uma combinação ou “síntese” dessas três perspectivas (aparentemente) incompatíveis, mas a invenção, a partir delas, de uma nova concepção, profundamente original.

Nessa perspectiva, não existe nos textos benjaminianos um sistema pronto e acabado. Na verdade, a profundidade do projeto de Benjamin resulta, em parte, do pensamento fragmentado que o filósofo de Berlim promoveu em torno dos procedimentos historiográficos, acarretando a geração de uma nova postura ao analisar a história. Para o autor, a história não se ocupa de certezas definitivas, uma vez que há várias possibilidades de posicionar-se em relação ao passado. Por sua vez, Löwy (2010, p. 199) apresenta a seguinte leitura: “[...] toda sua reflexão toma a forma do ensaio ou fragmento – quando não se trata da citação pura e simples, com passagens retiradas de contexto e colocadas a serviço de sua própria dinâmica”. Assim, Benjamin consegue captar a realidade em seus diversos vieses, pois a utilização do ensaio e do fragmento permitem a intenção benjaminiana que é apreender e refletir sobre todo contexto histórico social; nesse sentido, nenhum assunto poderia ser ignorado ou menosprezado.

Sob essa ótica, é importante salientar, como já foi dito na introdução desta dissertação, que o pensamento fragmentado de Benjamin e sua escolha em escrever de modo ensaístico respondem às temáticas de história e progresso, pois o autor, tanto por meio de sua escrita quanto no seu conceito de história, busca romper com a concepção mecanicista e linear. Dessa maneira, a dinâmica fragmentária da escrita do filósofo se mostra avessa ao progresso e à noção de história linear. Segundo o autor:

Incansável, o pensamento começa sempre de novo, e volta sempre, minuciosamente, às próprias coisas. Esse fôlego infatigável é a mais autêntica forma de ser da contemplação. Pois ao considerar um mesmo objeto nos vários estratos de sua significação, ela recebe ao mesmo tempo um

estímulo para o recomeço perpétuo e uma justificação para a intermitência do seu ritmo. Ela não teme, nessas interrupções, perder sua energia, assim como o mosaico, na fragmentação caprichosa de suas partículas, não perde sua majestade. Tanto o mosaico como a contemplação justapõem elementos isolados e heterogêneos, e nada manifesta com mais força o impacto transcendente, quer da imagem sagrada, quer da verdade (BENJAMIN, 1989b, p. 50-51).

A propósito, Walter Benjamin foi um dos principais teóricos a refletir sobre a ideologia e o caráter destrutivo do progresso capitalista. Assim, o pensamento do filósofo alemão sobre a história, o progresso e a modernidade está interligado à ideia de ruína, pois ele alerta que a marcha rumo ao progresso nos aliena, por isso critica as revoluções tecnológicas que distanciam cada vez mais as pessoas, fazendo-as perder o senso de comunidade – a bem da verdade, ao invés de o sujeito fazer uso da tecnologia, é a tecnologia que parece instituir o sujeito.

Além disso, a questão da linearidade apenas mostra aquilo que não foi e, no entanto, poderia ter sido – por exemplo, a sociedade atual naturaliza e justifica todas as ações de dominação e perpetua apenas um modelo. Para exemplificar, cita-se a questão de os jovens, por espontânea vontade, irem à guerra. Como a sociedade produziu um conjunto de elementos que tornou a guerra natural, aceitou-se este sistema vigente e não se questiona, por exemplo, sobre o porquê tal violência se banalizou e tornou-se aceitável. Nessa perspectiva, vê-se o quanto, muitas vezes, está posto e incorporamos apenas uma forma de pensar e agir. Assim, percebe-se o quanto a história oficial exclui e omite os detalhes de suas conquistas, isto é, deixa de lado, principalmente, a versão dos vencidos. Por isso, afirma Benjamin:

E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo (BENJAMIN, 1989a, p. 94).

Nesse entendimento, por exemplo, as classes de excluídos e oprimidos são privados de contarem o seu ponto de vista e, por isso, seguem o cortejo dos vencedores. Exemplifica-se esse argumento num

trecho da tese VII que se encontra nas “Teses sobre o conceito de história” (BENJAMIN, 1989a, p. 89):

Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais. O materialista histórico os contempla com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, como à corvéia anônima dos seus contemporâneos.

Ainda na tese VII, citada acima, Benjamin discorre sobre o gesto de “escovar a história a contrapelo”, proposição que sintetiza sua postura intelectual e política. Nesse sentido, ele recusa a crença em um progresso que resulta essencialmente das descobertas técnicas. Dessa maneira, Benjamin reivindica, nas “Teses sobre o conceito de História”, escritas em 1940, pouco antes do suicídio do autor, um “rememorar” do passado oprimido e silenciado, tarefa sob responsabilidade dos intelectuais que trabalham na perspectiva do materialismo histórico, que deveriam recontar esses pormenores esquecidos. Então, de acordo com Löwy:

As teses “Sobre o conceito de história” (1940) de Walter Benjamin constituem um dos textos filosóficos e políticos mais importantes do século XX. No pensamento revolucionário talvez seja o documento mais significativo desde as “Teses sobre Feuerbach” de Marx. Texto enigmático, alusivo, até mesmo sibilino, seu hermetismo é constelado de imagens, de alegorias, de iluminações, semeado de estranhos paradoxos, atravessado por fulgurantes intuições (LÖWY, 2010, p. 29).

E é com esse olhar voltado para o passado, a fim de reconstruir seus fragmentos através de um processo contínuo de releitura, que Benjamin se opõe à noção de linearidade progressista que está posta. Para o filósofo, ao romper com o fetiche do culto moderno ao progresso,

o passado passa a receber outro entendimento: não mais se relaciona a uma objetividade enrijecida e desumana que legitima apenas a história dos vencedores do presente; ao contrário, ele permanece aberto, e sua rememoração se relaciona com a possibilidade de as classes menos favorecidas do presente resgatarem a tradição dos oprimidos, de todos os “ancestrais escravizados” (Tese XII). Observa-se o propósito de Benjamin na tese III que o filósofo escreveu:

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos. Cada momento vivido transforma-se numa *citation à l'ordre du jour* — e esse dia é justamente o do juízo final. (BENJAMIN, 1989b, p. 103)

O princípio para esse entendimento também encontra-se no quadro do pintor Paul Klee, citado por Benjamin na tese IX. Em 1921, esse quadro foi adquirido por Benjamin do próprio Klee, que o havia feito no ano anterior; hoje, o quadro encontra-se no Israel Museum, em Tel Aviv. Essa obra esteve com Benjamin até sua fuga de Paris, por volta de 1940. O texto escrito por Benjamin descreve a história em forma de anjo; para o filósofo alemão, a tarefa do materialista histórico seria, como dito, a de escovar a “história a contrapelo”, isto é, reescrever a história na perspectiva dos vencidos. Em outras palavras, ele pretendia contar a história que pudesse ter sido capaz de ser realizada, mas foi abafada e reprimida, deixando interrogações e lacunas. Assim, Benjamin (1989a, p. 226) escreve:

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a

nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso.

De acordo com Löwy (2010), o texto citado acima é o mais conhecido, interpretado e utilizado diversas vezes e em contextos diferentes. Com efeito, além de servir de alegoria para a crise da cultura moderna, também, segundo Löwy, o quadro apresenta uma dimensão profética: “seu prenúncio trágico parece anunciar Auschwitz e Hiroshima, as duas grandes catástrofes da história humana, as duas destruições mais monstruosas que vieram coroar o amontoado que cresce até o céu” (LÖWY, 2010, p. 87).

Para Löwy (2010), a tese IX serve de alegoria⁶ porque fora do papel não há, em seus elementos, o sentido que é propositadamente dado pelo autor. Para Benjamin, é na escrita alegórica que se conserva a história, pois, mostrando a alegoria como uma escrita imagética e decodificando seus sinais, é possível percebê-la como um gesto que grava os signos do passado e se torna uma maneira de fixação da história. Dessa maneira, escreve Löwy (2010, p. 88):

Benjamin havia ficado fascinado pelas alegorias religiosas, particularmente por aquelas do *Trauerspiel*, o drama barroco alemão, em que a alegoria é a *facies hippocratica* da história que se apresenta para o espectador como uma paisagem primitiva petrificada. A tese IX é exatamente isso.

No texto, Benjamin discorre sobre uma tempestade que sopra do paraíso; essa tempestade, na interpretação de Löwy (2010), seria o progresso, responsável por uma “catástrofe sem trégua” e por um “amontoado de escombros que cresce até o céu”. Dessa forma, através da imagem de um anjo em meio a uma catástrofe, Benjamin alerta para

⁶ Walter Benjamin percorreu vários caminhos ao tratar dos aspectos da modernidade. O conceito de “alegoria”, no entanto, surge nas diversas leituras que ele faz da arte, da poesia e da cidade grande, que se concebia no século XIX.

as ruínas acumuladas sobre o contínuo da história progressiva e linear e sua força destrutiva, pois muitos acontecimentos são deixados de lado e silenciados. Assim, para Benjamin, é tarefa do materialismo histórico "recolher os restos esquecidos dessa História" e reconstruí-la, ou seja, rememorar os eventos esquecidos.

Benjamin pretende mostrar que a visão da história não pode ser linear, desmistificar o progresso e mostrar as ruínas que ele produz. Mas como realizar essa tarefa? De acordo com Löwy (2010, p. 89):

Como deter essa tempestade, como interromper o Progresso em sua progressão fatal? Como sempre, a resposta de Benjamin é dupla: religiosa e profana. Na esfera teológica, trata-se da tarefa do Messias; seu equivalente, ou seu "correspondente" profano, é simplesmente a *Revolução*. Interrupção messiânica/revolucionária do Progresso é, portanto, a resposta de Benjamin às ameaças que fazem pesar sobre a espécie humana a continuação da tempestade maléfica, a iminência de catástrofes novas.

Dessa maneira, conforme Löwy (2010: 28) indica, apenas o Messias poderá impedir "a tempestade, cuidar dos feridos, ressuscitar os mortos e rejeitar o que foi quebrado (*das Zerschlagene zusammenfügen*)".

Segundo Löwy (2010), essa fórmula contém uma referência implícita à doutrina cabalística do *tikkun*, a restituição messiânica do estado originário de harmonia divina quebrado pela *shevirat ha kelim*, o rompimento dos vasos – doutrina que Benjamin conhecia graças ao artigo "Cabala", publicado por seu amigo Scholen, em 1932, na *Encyclopaedia Judaica* (em alemão).

Por outro lado, ainda de acordo com Löwy (2010), "[...] o correspondente profano (ou político) dessa restituição mística é, para Benjamin, a sociedade sem classes. Essa sociedade comunista do futuro corresponde ao resgate do comunismo primitivo, ou seja, ao retorno à primeira forma de sociedade sem classes na aurora da história".

É interessante observar que, para Benjamin, a sociedade sem classes não corresponde à volta às comunidades primitivas da pré-história: ela contém em si, como síntese dialética, todo o passado da humanidade. Assim, o vínculo que se

estabelece entre a era messiânica e o futuro da sociedade sem classes não pode ser compreendido apenas na esfera secular, pois o religioso e o político conservam, em Benjamin, uma relação de reversibilidade mútua, que escapa a qualquer redução unilateral (LOWY, 2010, p. 95).

Portanto, conforme Löwy (2010, p. 95), “Scholem tem razão ao escrever que, para Benjamin, o Paraíso é origem e passado ancestral (*Urvergangenheit*) da humanidade e, ao mesmo tempo, imagem utópica do futuro de sua redenção”, mas, segundo Löwy, (2010, p. 96), “parece que ele se engana ao acrescentar que se trata de uma concepção do processo histórico mais cíclico do que dialético”. Dessa maneira, ainda de acordo com o mesmo autor, para Benjamin:

A sociedade sem classes do futuro – o novo Paraíso – não é a volta pura e simples àquela da pré-história: ela contém em si, como síntese dialética, todo o passado da humanidade. A verdadeira história universal, baseada na rememoração universal de todas as vítimas sem exceção – o equivalente profano da ressurreição dos mortos – somente será possível na futura sociedade sem classes (LÖWY, 2010, p. 43).

Além disso, é importante enfatizar a situação biográfica e histórica em que Benjamin se encontrava quando escreveu suas “Teses sobre o conceito de história”, pois, em relação à circunstância biográfica, foi a partir de meados dos anos 1920 que o filósofo passou a ser influenciado pelo marxismo. Sobre isso, seu amigo Scholem (1987, p. 126-127) afirma:

O conflito entre o seu modo metafísico de pensar e o modo marxista, no qual tentou transformá-lo, determinou a sua vida intelectual somente depois de 1929, moldando-a de uma maneira totalmente inequívoca. [...] Em Benjamin surgiu “uma justaposição muitas vezes enigmática dos dois modos de pensar, o metafísico-teológico e o materialista, ou os dois se entrelaçaram um no outro. Este entrelaçamento, que por sua natureza era incapaz de chegar a um equilíbrio, é que conferia aos trabalhos de Benjamin, oriundos de

tal atitude, o seu efeito significativo e aquele brilho profundo que os distinguiu tão impressionantemente da maioria dos produtos do pensamento materialista e da crítica literária, que se caracterizavam por um tédio incomum.

Pela ótica da história, o cenário que serviu de “estímulo direto para a redação das teses foi, sem dúvida, o pacto germano-soviético, o começo da Segunda Guerra Mundial e a ocupação da Europa pelas tropas nazistas” (LÖWY, 2010, p.34).

Dito isso, é importante entender que em Benjamin há uma dualidade em relação à experiência do choque, pois, apesar de diminuir a sensibilidade moderna, o choque ao mesmo tempo pretende reestruturar a experiência do homem moderno com a função do historiador. É dessa maneira que a experiência se torna viável e imprescindível, pois, como lembra Sérgio Paulo Rouanet (1990), o homem destituído de experiência é um homem sem história.

Para exemplificar os argumentos mencionados acima, será analisado a Tese XVII do ensaio de Benjamin sobre o conceito de história. A tradução dessa tese foi feita por Jeanne Marie Gagnebin e está publicada no recente livro de Michael Löwy, *Walter Benjamin: aviso de incêndio*, uma leitura das teses:

O historicismo culmina de direito na história universal. Dela se destaca, pelo seu método, a historiografia materialista, de maneira mais clara que qualquer outra. A primeira não tem armação teórica. Seu procedimento é aditivo: ela mobiliza a massa dos fatos para preencher o tempo homogêneo e vazio. À historiografia materialista subjaz, por sua vez, um princípio construtivo. Ao pensar pertence não só o movimento dos pensamentos, mas também a sua imobilização (*Stillstellung*). Onde o pensamento se detém repentinamente numa constelação saturada de tensões, ele confere à mesma ideia um choque através do qual ele se cristaliza como mônada. O materialismo histórico se acerca de um objeto histórico única e exclusivamente quando este se apresenta a ele como uma mônada. Nessa estrutura ele reconhece o signo de uma mobilização messiânica do acontecer, em outras palavras, de uma chance revolucionária na luta a

favor do passado oprimido. Ele a arrebatava para fazer explodir uma época no decurso homogêneo da história; do mesmo modo como ele faz explodir uma vida determinada de uma época, assim também ele faz explodir uma obra determinada da obra de uma vida. Este procedimento consegue conservar e suprimir na obra a obra de uma vida, na obra de uma vida, a época, e na época, todo o decurso da história. O fruto nutritivo do que foi compreendido historicamente tem em seu interior o tempo como semente preciosa, mas desprovida de gosto (Tese XVII, BENJAMIN, 1989b, p. 130).

Essa tese traz a ideia de progresso próprio do conceito historicista, que é confrontado por Benjamin a partir da concepção descontínua do tempo histórico. Para o filósofo, o tempo do progresso é o tempo da marcha dos lucros e da ganância, e seu historicista correspondente escreve por meio dos fatos que são baseados num tempo homogêneo e vazio.

Para exemplificar de que modo um historiador escreve de forma homogênea e vazia, tomemos como exemplo a tese VII, em que Benjamin confronta o historiador francês positivista do século XIX, Fustel de Coulanges. Esse historiador, de acordo com Benjamin, privilegia e se identifica, geralmente, com os vencedores, e aí estaria o porquê desse passado homogêneo e vazio ao qual Benjamin se refere. Essa tese de Benjamin também está publicada no livro de Michael Löwy. Assim escreve o Benjamin no início de sua tese VII:

Ao historiador que quiser reviver uma época, Fustel de Coulanges recomenda banir de sua cabeça tudo o que saiba do curso ulterior da história. Não se poderia caracterizar melhor o procedimento com o qual o materialismo histórico rompeu. É um procedimento de identificação afetiva. Sua origem é a indolência do coração, a acedia, que hesita em apoderar-se da imagem história autêntica que lampeja fugaz (BENJAMIN, 1986b, p. 244-245).

Segundo Löwy (2010), Benjamin classifica o historicismo como uma “identificação afetiva” com os vencedores. É importante, primeiramente, definir o que Benjamin entende por historicismo, então a

questão do historicismo que Benjamin fala diz respeito à história que foi escrita pelos vencedores, porém para o filósofo não quer dizer que é necessário que haja outros “escritores” dela, e sim lembrar os que foram esquecidos através das gerações do presente e do futuro.

Nesse entendimento, na concepção benjaminiana não existe apenas uma história e sim várias histórias. O dilema consiste em como recuperá-las, pois, devido à predominância da história dos triunfadores ser contada, sempre prevalece a história tradicional. Assim surge a concepção sobre a redenção, visto que, para Benjamin, a história deve dar voz aos que não foram ouvidos a fim de redimir os oprimidos e os que não tiveram vez nem foram escutados.

Essa lembrança dos que foram esquecidos pela história seria de certa maneira a missão messiânica, pois quando Benjamin diz que “Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo” (1986, p. 223), o autor está afirmando, nesse fragmento, que a força messiânica seria responsável pela redenção e iria instituir uma ligação entre presente e passado, na qual a geração do presente iria conceber a redenção das gerações passadas. Dessa forma, seria tarefa do presente redimir o passado, principalmente em relação às injustiças das quais os perdedores foram sujeitos. Além disso, é fundamental esclarecer que, na perspectiva marxista, a palavra “vencedor” refere-se à luta de classes, na qual a classe opressora sempre vence os oprimidos. Assim, escreve Löwy (2010, p. 71):

Benjamin acusa o historicismo de identificação com os vencedores. Evidentemente, o termo “vencedor” não se refere, aqui, às batalhas ou às guerras comuns, mas à “guerra das classes”, em que um dos campos, a classe dirigente, não cessou de vencer os oprimidos - desde Spartacus, o gladiador rebelde, até o *Spartakusbund* (Liga Espartaquista) de Rosa Luxemburgo, e desde o *Imperium* romano até o *Tertium Imperium* hitlerista.

Nesse fragmento de Löwy, percebe-se o quanto Benjamin está relacionando o historicismo com a perspectiva de seus padrões herdados e da visão apenas dos vencedores, pois há outras faces da realidade que o historicismo tende a esquecer ou omitir. Nesse sentido deve-se lembrar e fazer justiça em torno daquilo que não foi dito; aliás, trata-se de um movimento que não fica perdido num passado distante, pois

Benjamin alerta para a “guerra das classes” que não param de vencer e que vencem sempre que a visão historicista é reafirmada. Por outro lado, para se fazer justiça com o passado, com as vozes silenciadas, e rememorar-las, Benjamin propõe uma outra noção de tempo que seria uma percepção do tempo presente que possibilite mexer com o passado e seja capaz de reconstruir as experiências passadas.

Nessa perspectiva, a remissão do passado não é apenas no sentido de recuperar e relembrar sua memória, mas reviver e habitar o passado no presente. Essa seria a riqueza do tempo presente, ou seja, uma busca do passado a partir do tempo presente. Dessa maneira, Benjamin tenciona viver o passado a fim de reescrevê-lo e se voltar para os esquecidos e para as vozes que foram silenciadas. Essa noção de tempo, Benjamin baseia-se nos escritos de Marcel Proust, escritor francês que escreveu *Em Busca do Tempo Perdido* (1913 a 1927). De acordo com Benjamin (1989, p. 105), a obra de Proust revela “a tentativa de reproduzir artificialmente, sob as condições sociais atuais, a experiência tal como Bergson a imagina, pois cada vez se poderá ter menos esperanças de realizá-la por meios naturais”.

3.1 MOSAICO DE INFLUÊNCIAS

Como mencionado no início deste capítulo, segundo Löwy (2010), existem três aspectos que configuram o pensamento de Benjamin: o romantismo, o messianismo judeu e o materialismo histórico. Para Löwy (2010), Benjamin elabora um pensamento único que permite uma espécie de integração entre o messianismo, o romantismo e o materialismo. Assim desvela Löwy em relação às correntes do pensamento benjaminiano:

Não podemos explicar seu itinerário por uma ou outra “influência”: as distintas correntes de pensamento, os diversos autores que cita, os escritos de seus amigos são materiais com que ele constrói um edifício próprio, elementos com os quais vai realizar uma operação de fusão alquímica, para fabricar com eles o ouro dos filósofos (LÖWY, 2010, p. 19).

Nessa perspectiva, tanto esse autor como também para outros leitores de Benjamin, como Sérgio Rouanet, Olgária Matos e Jeanne Marie Gagnebin, em relação ao assunto do método e de um

procedimento para analisá-lo, argumentam que o pensamento benjaminiano deve ser examinado como a possibilidade de um método inovador para a modernidade. Assim, segundo Rouanet (1990):

Fazer justiça ao livro de Benjamin significa, antes de mais nada, elucidar o que ele tem de mais enigmático: as considerações epistemológicas e metodológicas que servem de pórtico ao trabalho [...] (ROUANET, 1990, p. 12).

Sob essa perspectiva, de acordo com Löwy (2010), o romantismo alemão é o ponto-chave da formação intelectual da fase juvenil de Benjamin. Ainda segundo Löwy (2010), o romantismo não é apenas uma escola literária do começo do século XIX, ele se manifesta na arte, na cultura, na teologia na religião, na filosofia, na antropologia e até na economia política. A crítica fundamental do romantismo caracteriza-se por ser um protesto contrário à moderna civilização industrial burguesa e seus processos de produção e de trabalho, com a presença e a favor de certos valores sociais, religiosos e culturais pré-capitalistas, como o retorno às comunidades do passado e reconciliação do presente:

Tomemos como ponto de partida o momento romântico, que se encontra no centro das preocupações do jovem Benjamin. Para apreendê-lo em toda a sua dimensão, é preciso lembrar que o Romantismo não é somente uma escola literária e artística do começo do século XIX: trata-se de uma verdadeira visão de mundo, de um estilo de pensamento, de uma estrutura de sensibilidade que se manifesta em todas as esferas da vida cultural, desde Rousseau e Novalis até os surrealistas (além de outros posteriores) (LÖWY, 2010, p. 18).

Assim sendo, foi no Romantismo que Benjamin obteve as ideias essenciais que lhe possibilitaram questionar e lutar pelo que acredita ser a "informe tendência progressista". Em outras palavras, a relevância da tradição romântica deve-se à crítica do progresso relacionado ao desenvolvimento técnico e científico em expansão contínua que provoca a própria barbárie. Esse é o caráter trágico da história que Benjamin vai discutir tanto nas *Passagens* quanto no ensaio "Sobre o conceito de história". Conforme Löwy expõe (2010, p. 18):

Poderíamos definir a *Weltanschauung* (visão de mundo) romântica como uma crítica cultural à civilização moderna (capitalista) em nome de valores pré-modernos (pré-capitalistas) uma crítica ou um protesto relativos aos aspectos sentidos como insuportáveis e degradantes: a quantificação e a mecanização da vida, a retificação das relações sociais, a dissolução da comunidade e o desencantamento do mundo. Seu olhar nostálgico do passado não significa que ela seja necessariamente retrógrada: reação e revolução são aspectos possíveis da visão romântica do mundo.

Outra influência para o pensamento benjaminiano foi o messianismo⁷ judeu, que o ajudou a realizar uma crítica radical ao contínuo da história e do progresso, recompondo o movimento entre presente-passado a fim de contestar as atrocidades cometidas pela continuidade histórica. Nas “Teses sobre o conceito de história”, por exemplo, há o conceito sobre a teologia messiânica e, como explica Löwy (2010), os conceitos de redenção, rememoração e catástrofe intencionam reparar e redefinir uma visão da história que dê conta de restaurar as injustiças sociais e o sofrimento. Ou seja, na visão benjaminiana, a perspectiva da história messiânica deve ser a de reparar as injustiças, o sofrimento e a aflição das gerações vencidas. Dessa forma, o reconhecimento da história desse caráter destrutivo da humanidade é onde se encontra a sua verdadeira dimensão messiânica. Então, a interrupção da história é o momento em que o Messias salva a história de sua própria ruína.

De acordo com Löwy (2010), no messianismo judeu há duas correntes que estão presentes num mesmo momento e mutuamente relacionadas, ou seja, são inseparáveis e, também, contraditórias: uma tendência restauradora, direcionada para restabelecer um estado ideal do passado, e uma corrente utópica, que almeja um futuro radicalmente

⁷ Para Benjamin, o momento messiânico, à luz das teses da história, é o instante revolucionário em que se opera a redenção das injustiças passadas. Como modelo revolucionário, Benjamin discorre sobre a revolução que resulta na "sociedade sem classes" de Marx, como se pode ler nas teses de “Sobre o conceito de história”. Cf. tese IV, *G.S., I, 2*, p. 694-695, e tese XVII.

novo. Ambas apresentam, ao mesmo tempo, as ideias de restauração, reparação e reforma que se obterão pela tradição messiânica.

Além disso, está presente em Benjamin o pensamento marxista de revolução. Em meados de 1920, Benjamin conhece o marxismo de Georg Lukács através da obra *História e consciência de classe*, “cujo impacto na filosofia de Benjamin foi profundo e perene” (KONDER, 2003, p. 166). Desde então, Benjamin começa a usar conceitos marxistas para interpretar o mundo, porém Benjamin contraria Marx ao afirmar que a “locomotiva da história” não irá interromper seu curso catastrófico; na verdade, é preciso puxar o freio de emergência. Assim, nas *Passagens*, Benjamin (2006, p.189) afirma o seguinte:

Também se pode considerar como alvo metodologicamente visado neste trabalho a possibilidade de um materialismo histórico que tenha anulado em si mesmo a ideia de progresso. É justamente se opondo aos hábitos do pensamento burguês que o materialismo histórico encontra forças.

Dessa maneira, como o marxismo não pode dar todas as respostas, apesar de trazer em si as sementes da esperança messiânica, o filósofo alemão recorreu, já em sua fase madura, ao messianismo judaico. Dessa forma, para obter as respostas sobre os problemas de sua época, Benjamin cria um mosaico para o processo de construção de seu pensamento em que todas estas influências citadas acima são utilizadas como fonte para originar conceitos revolucionários e originais.

3.2 ENSAIO “A VIDA DOS ESTUDANTES”

O texto “A vida dos estudantes” (1914-1915) pode ser visto como o momento de emancipação intelectual de Benjamin, pelo qual ele rompe com o Movimento da Juventude e inicia o projeto para formar uma nova perspectiva da história e do conhecimento filosófico. Nesse ensaio, o filósofo alemão faz um diagnóstico dos estudantes e de como se dá a relação entre a vida estudantil, a teoria e a vida profissional. De resto, o texto propõe-se a fazer uma análise de como a sociedade se encontrava naquela época.

Nesse sentido, Benjamin revela no documento que as condições do processo de modernização da sociedade alemã estava impossibilitando uma vivência acadêmica plena de sentido e adequada à

transformação social. Isso devido à universidade ser pautada na “utilidade” prática do conhecimento, o que gerava a carência de conhecimento crítico e autêntico. Assim, Benjamin (1986b) propõe o seguinte:

O único caminho para tratar do lugar histórico do estudantado e da universidade é o sistema. (...) resta apenas libertar o futuro de sua forma presente desfigurada, através de um ato de conhecimento. Somente para isso serve a crítica (1986b, p. 107).

Segundo Löwy (2010), Benjamin coloca-se contra a visão otimista da história em relação à marcha em direção ao progresso, pois, para ele, esse tipo de evolução permanente é uma forma de temporalidade incoerente, mecânica e vazia. Além disso, o filósofo discute que a lógica produtivista da educação gera apatia e conformismo, pois a negligência do sistema educacional se deve ao caráter mercantil que o ensino assumiu. E, para ocorrer uma transformação social, é imprescindível a ação crítica estudantil nos movimentos sociais. Assim diz Löwy:

Esse ar subversivo encontra-se em sua conferência sobre *A vida dos estudantes* (1915), um documento fundamental, que parece reunir num único raio de luz todas as ideias que vão povoá-lo ao longo de sua vida (2010, p. 20).

Benjamin (1986b, p. 154) diagnosticou que os estudantes alemães tinham abandonado uma possível “ascensão espiritual da nação” direcionada à arte, à literatura e à vida religiosa. Deu-se lugar, então, à má formação do indivíduo, que se iniciou a partir da fragmentação e da destituição da capacidade de criação. Nesse sentido, o espírito inventivo foi extinto por um sistema que promove apenas o caráter profissional e o coloca no centro das ações educativas das instituições de ensino. Assim comenta Benjamin (1986b, p. 152):

Aqui pode-se objetar que, para a grande maioria dos estudantes, a ciência é uma escola profissional. Já que "a ciência não tem nada a ver com a vida", ela deve reger exclusivamente a vida de quem a segue. Dentre as objeções mais

inocentes e mentirosas está a expectativa de que ela deva ajudar fulano ou beltrano a se prepararem para uma profissão. A profissão resulta tão pouco da ciência que esta pode até excluí-la. Pois a ciência, pela sua própria essência, não admite que o pesquisador se desligue dela: obriga-o, de certa maneira, a ser sempre professor, nunca a exercer as profissões públicas de médico, jurista ou docente universitário.

Sob essa ótica, para Benjamin foi na “deformação do espírito criador em espírito profissional” (BENJAMIN, 1986a, p. 155) e na “comunidade interesseira e ansiosa pelo dever” (BENJAMIN, 1986a, p. 154) que ocorreu a omissão e a perda do espírito de entusiasmo e de dedicação na procura pelo saber. Dessa maneira, houve a substituição pela massificação do pensamento e pela instrumentalização da ciência em defesa do utilitarismo da carreira e sua acomodação.

Nessa perspectiva, a lógica do sistema capitalista focada no progresso linear e crescente fragmenta-se; e, conforme Benjamin elucida, pode-se perceber que a filosofia da história benjaminiana possibilita refletir e rememorar os acontecimentos do passado a partir do momento presente.

Dessa maneira, a concepção da história em Benjamin oferece a possibilidade de reconstruir e retornar a história do ser humano, visto que ela não é linear nem homogênea. Assim, é preciso inventar o caminho e desentocar o pensamento, isto é, mostrar que as coisas não são tão lineares e evidentes quanto parecem. Com efeito, tudo que se aceita como vigente torna-se previsível demais e incorpora-se como sendo algo natural, e é com esta postura da lógica produtivista e linear que se deve romper para criar outros caminhos que não sejam as mesmas repetições e conformações, promovendo assim “a possibilidade objetiva de transformação da sociedade” (CHATAIGNIER, 2008, p. 10).

Outra questão criticada por Benjamin refere-se à postura dos estudantes ao permitirem que o sistema educacional como um todo os desconsidere em relação às tomadas de decisões dentro da universidade. Para Benjamin, os estudantes deveriam ter voz ativa e participar de todos os setores dentro da universidade. Assim, revela Benjamin:

O estudantado deveria ser considerado em sua função criativa, como o grande transformador que teria de traduzir em questões científicas, com um

enfoque filosófico, as novas ideias que costumam despertar mais cedo na arte e na vida social do que na ciência (BENJAMIN, 1986b, p. 154).

Nesse entendimento, Benjamin critica que, dos que assumem cargos políticos e jurídicos nos espaços administrativos das universidades, apenas há a participação dos professores. Para Benjamin, a “arraigada indiferença burguesa” sobre a não participação política dos estudantes traz à tona a suposta neutralidade científica existente no meio acadêmico e também promove a preocupação única de preparar os estudantes para vida profissional. Então, discorre Benjamin (1986b, p. 153):

O estudantado, que não tem o status do funcionalismo público, fica sempre atrás do professorado, e a base jurídica da Universidade, personificada no Ministro da Cultura - nomeado não pela universidade mas pelo soberano - é uma correspondência semivelada da instituição acadêmica com os órgãos estatais, por cima das cabeças dos estudantes (e, em casos raros e felizes, também dos professores).

Desse modo, a pretensão de Benjamin é fazer com que tanto os estudantes quanto os professores compreendam o verdadeiro sentido da ciência e possam se comprometer com suas potencialidades intelectuais em prol da sociedade e do coletivo. Assim, seria possível vivenciar uma formação acadêmica plena de sentido e apta à transformação social.

3.3 RELAÇÃO ENTRE MODERNIDADE, PROGRESSO, HISTÓRIA E O CONTEXTO EDUCACIONAL

No campo da educação, os temas discutidos acima são significativos, pois revelam a necessidade de interromper o contínuo da história que está fadado a um tempo homogêneo e vazio. Da mesma forma, essas temáticas são relevantes para refletir sobre o campo educacional no sentido de que o rumo que a educação vem tomando, pautado na lógica do consumismo e do produtivismo, inviabiliza que as instituições escolares se organizem na tentativa de construir uma sociedade mais plena de sentido e apta para a transformação social.

Dessa maneira, quando Benjamin afirma que, “assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de

transmissão da cultura” (1986b, p. 94), compreende-se a importância de se pensar nos temas sobre história e progresso para o contexto da educação. Em outras palavras, tal relevância se deve ao fato de que as temáticas do ensaísta Benjamin nos permitem repensar e romper com os velhos convencionalismos educacionais instituídos, a fim de nos despertar sobre o quanto a lógica da história positivista pode causar ruínas. Desse modo, refletir sobre os temas que o filósofo discute nos mostra a necessidade de percorrermos outros caminhos para escapar das barbáries provocadas pelo pensamento único e pelo atual contexto neoliberal.

Assim sendo, a discussão feita por Benjamin sobre o caráter destrutivo da marcha temporal do progresso, da modernidade e da história mostra o quanto é pertinente posicionar-se e agir para superar o atual modelo de educação que apenas centra-se na competição e na concorrência.

Nesse sentido, apesar da complexidade de Benjamin quando fala que a resposta para interromper o progresso e as catástrofes consiste tanto na esfera teológica quanto na revolução, percebe-se a importância do materialismo histórico no resgate de uma educação baseada no coletivo e em prol da formação humana. Nesse sentido, os ensaios de Benjamin nos fazem refletir sobre o cuidado que devemos ter ao transmitir uma única forma de pensamento, pois a compreensão de qualquer objeto de estudo perpassa por um pensamento dialético, ou seja, para chegar a uma conclusão ou resultado é necessário investigar todo processo histórico e social, entendendo sua origem, natureza e função social, tudo isso numa perspectiva do materialismo dialético construída por Benjamin. Isto é, trata-se de compreender qualquer objeto de estudo como um momento do processo de construção da totalidade do ser social.

Por isso, Benjamin observa que o materialismo histórico seria, na medida do possível, responsável por “escovar a história a contrapelo” (1986b, p. 94), ou seja, o materialismo torna-se fundamental e está encarregado em fazer a revolução. Porém, para Benjamin há também a questão religiosa que, do mesmo modo, também é responsável por fazer a revolução. Assim, Löwy (2010, p. 89) observa que “interrupção messiânica/revolucionária do Progresso é, portanto, a resposta de Benjamin às ameaças que fazem pesar sobre a espécie humana a continuação da tempestade maléfica, a iminência de catástrofes novas”.

Sob essa perspectiva, quando o filósofo alemão fala em interromper a história linear e deter o rumo da história, percebe-se o quanto isso está relacionado, por exemplo, com o anseio de repensar um

novo modelo de educação, sob outros prismas e capazes de conferir maior autonomia e liberdade aos sujeitos. Isso justifica o motivo pelo qual o pensamento benjaminiano é tão atual e primordial para se pensar sobre qual educação desejamos e para quem a desejamos. Em 1915, ao escrever “A vida dos estudantes”, Benjamin já diagnostica o quanto todo processo educativo estava colocado para atender aos interesses do utilitarismo e do capital, visto que sua organização, seus controles, a intensificação dos processos de privatização e mercantilização da educação já caminhavam no sentido de reproduzir os interesses capitalistas. Justamente por isso a leitura dos ensaios benjaminianos torna-se imprescindível para entender todo o processo de transmissão da cultura e das ruínas causadas por ela.

Refletir sobre as escritas desse filósofo, a partir das temáticas aqui expostas, permite-nos pensar sobre a possibilidade de nos recusarmos e frearmos o consenso educacional que enfatiza o caráter profissional, tecnológico e mercantil vigentes no atual sistema. Por exemplo, quando Benjamin observa o seguinte: “que as coisas continuem assim, eis a catástrofe” (1986, p. 515), isso nos leva a pensar sobre a importância do processo de insubordinação, ou seja, a necessidade de recusar a lógica mecanicista e hierarquizante que busca determinados modelos e exclui outras possibilidades julgando-as como inferiores.

Para Benjamin, as consequências em omitir ou deixar de fora outras perspectivas e visões acerca das condições humanas, por exemplo, criam a injustiça e a chance de cairmos em armadilhas. Por isso, a expressão “Cuidado com o canto da sereia”, formulada a partir da obra *Odisséia*, de Homero, também nos reporta à cautela que se deve ter em torno dos discursos ideológicos e lineares que impõem determinados modelos de política, de pensamento e de conhecimento, excluindo, conseqüentemente, outras possibilidades que poderiam vir a ser mais condizentes e adequadas à construção de sujeitos livres.

Nesse entendimento, o pensamento benjaminiano sobre os temas de história, progresso e modernidade é pertinente para o campo da educação, no sentido de refletir sobre o resgate do ideário de comunidade e assumir um posicionamento reflexivo em torno desse conceito. Em outras palavras, compreender as discussões benjaminianas acerca do domínio da concepção materialista, histórico-dialética da história é imprescindível para se pensar em desenvolver uma nova educação e uma outra sociedade engajada na superação do atual sistema vigente.

Assim sendo, quando Benjamin discute a questão da

rememoração de todo o processo histórico, percebe-se o quanto é significativo e fundamental para a educação analisar os pormenores e a gênese de todo o processo educacional e, dessa maneira, enxergá-lo não de maneira linear, e sim com um olhar, como defendia Benjamin, capaz de refletir sobre a possibilidade de outras faces da realidade que a história clássica positivista tende a esquecer ou omitir.

Nesse sentido, deve-se rever nosso modelo de educação, rememorando e fazendo justiça em torno daquilo que não foi dito e não foi feito em nosso sistema educacional. Visto que, atualmente, as instituições de ensino têm servido fundamentalmente para atender às demandas do capitalismo hegemônico e dos “vencedores”, Benjamin alerta sobre a “guerra das classes” que não param de vencer e que vencem sempre que a visão conformista e historicista é reafirmada. Assim, para Benjamin o historicismo que se identifica com as classes dominantes e a civilização como a conhecemos geram uma espécie de barbárie porque deixa de lado e omite outras versões da história que devem ser contadas a fim de se fazer justiça.

Para a educação também é importante conseguir essa dimensão de justiça que Benjamin defende, porém, para que ocorra essa revolução-redenção discutida pelo filósofo, é necessário unir o caráter da teologia messiânica com o materialismo histórico a fim de desvencilhar a guerra da luta de classes e derrotar as concepções da dualidade de dominante/dominado e vencedor/vencido que ainda existem e insistem em serem perpetuadas. No campo educacional, por exemplo, observa-se o quanto os alunos da escola pública possuem menos chances que os alunos de escolas particulares. Os “vencedores” continuam obtendo a vitória e sendo os beneficiados de vários direitos que são retirados dos “vencidos”.

4 O ENSAIO COMO FORMA EM WALTER BENJAMIN E A EDUCAÇÃO

Este capítulo tem por objetivo discorrer sobre o ensaio como forma em Walter Benjamin. Além disso, tenta mostrar de que maneira seu estilo e sua forma de escrever contribuem para refletir sobre a educação numa perspectiva que permite mais abertura para outros pontos de vista. A seção 4.1 abordará a história do gênero ensaio e discutirá de que modo o ensaio como forma pode contribuir para refletir sobre processo educativo e escrita na educação. A seção 4.2 fará uma análise sobre as contribuições do gênero ensaio para a educação, porém tendo o cuidado de esclarecer que o ensaio em si pode ser muito superficial, e, caso não se tenha uma visão crítica da sociedade, esse gênero corre o risco de alienar ao invés de libertar. Por isso, a ênfase será em analisar as contribuições do ensaio benjaminiano para a educação.

Diante disso, em relação à escrita de Benjamin, em seus textos verifica-se que o filósofo alemão era bem diversificado nos temas que abordava e seus ensaios possuíam uma estrutura plurifacetada e descontínua em cada citação. Ademais, para Benjamin, há sempre, nesse gênero e no ato da escrita, a autorreflexão que tem o objetivo de propiciar o retorno e a possibilidade de interferir novamente no objeto pesquisado. A intenção do filósofo era “conseguir apreender a concretude extrema de uma época, tal qual ela se manifestou aqui ou ali” (BENJAMIN, 1989b, p. 15).

A dificuldade intrínseca dessa forma de apresentação mostra que ela é, por natureza, uma forma de prosa. [...] na escrita é preciso, com cada sentença, parar e recomeçar. A apresentação contemplativa é semelhante à escrita. Seu objetivo não é nem arrebatar o leitor, nem entusiasmar-lo. Ela só está segura de si mesma quando o força a deter-se, periodicamente, para consagrar-se à reflexão (BENJAMIN, 1986b, p. 51).

Além do mais, segundo Paula Padilha (2011), nos ensaios benjaminianos há a ausência de uma sistematicidade e metodologia, pois o ensaísta não procurava uma completude universal e histórica no objeto que ele discutia; buscava, antes, juntar e reconstituir os fragmentos e partes que foram deixadas de lado pela humanidade e que poderiam

estar ali inclusas, apesar de todos os seus contrassensos. Nessa perspectiva, Padilha afirma que:

Benjamin não buscava uma totalidade harmoniosa nem no objeto visado nem na própria história. Ele buscava exatamente uma totalidade fissurada, composta por fragmentos esquecidos, onde o mundo poderia estar ali contido com todas as suas contradições. E é o ensaio que possibilita, de forma privilegiada, a experiência filosófica proposta (PADILHA, 2011, p. 242).

Além disso, o ensaio propicia a tentativa de um pensar filosófico diferente conforme Benjamin desejava, pois, de acordo com José Guilherme Merquior (1969), é possível criticar cada objeto em todos os seus aspectos sem a preocupação com a busca da verdade. O interessante é como se dá a relação do objeto com o outro, sempre tendo em vista uma forma de pensar dialeticamente a fim de atingir todos as contradições que possam existir naquele determinado momento. Assim discorre Merquior:

[...] a ‘totalidade’ é apenas um clarão, uma intermitência, uma razão jamais explicitada em seu próprio conteúdo. A totalidade que o ensaio atinge não é uma ‘explicação do todo’, mas apenas o horizonte móvel a que cada objeto é referido, quando a crítica que o descreve ilumina dialeticamente a sua especificidade como relação: a verdade de cada objeto nas suas fronteiras com o outro (MERQUIOR, 1969, p. 116).

Carrijo (2007), em sua investigação sobre o ensaio, enxerga-o como uma escrita fragmentária e imprevisível que vislumbra não a saída nem a chegada, mas sim o caminho, no qual pode se desviar, retroceder ou ir adiante.

Prosa digressiva, descontínua e fragmentária, espécie de pensamento por imagens, o ensaio constitui livre instrumento através do qual o escritor, hermeneuticamente, lança-se a compreender a realidade. O experimental, o

provisório e o relativo caracterizam esse gênero (CARRIJO, 2007, p. 39).

Por isso, a autora revela que as qualidades do ensaio se dão devido a esse gênero ser bastante reflexivo e abranger diversas áreas do conhecimento. Assim argumenta a autora sobre o ensaio em Benjamin:

Adentrar em seu universo, mais que no de alguns outros gêneros, é caminhar por veredas labirínticas nunca em via de mão única, apresentando, ao contrário, vários recuos, promessas de corredores que nem sempre deságuam em saída e a retomada da marcha na qual conclui o viandante, à maneira de Riobaldo, que o fascínio está na própria caminhada e não no impossível final da travessia (CARRIJO, 2007, p. 28).

Além disso, de acordo com Paula Padilha (2011), os temas escolhidos por Benjamin e sobre os quais ele pretendia discutir numa determinada circunstância eram sempre originais e problemas particulares, aos quais a forma do ensaio possibilita uma nova significação e um novo olhar e compreensão.

O ensaio benjaminiano insere um procedimento de símbolos e alegorias para fomentar a reflexão crítica e a resistência à subordinação a ideologias dogmáticas, pois não se sujeita a nenhum tipo de imposição, ou seja, é mais autônomo. Além disso, o ensaio não se deixa apreender facilmente, ele cria um espaço polêmico de debate e de desentendimento. Dessa maneira, Adorno (2003) ressalta que a possibilidade de autonomia e liberdade do gênero ensaio admite que se discorra sobre diversos assuntos, porém sem a obrigação de se prender a nenhum deles, pois o autor tem a possibilidade de, ao falar de determinado objeto, experimentá-lo e tentar compreendê-lo em todos os seus aspectos de acordo com a realidade daquele contexto e depois ir adiante ou retroceder conforme o pensamento do autor se direcionar. Por esse aspecto de insubordinação que:

Na Alemanha, o ensaio provoca resistência porque evoca aquela liberdade de espírito que, após o fracasso de um Iluminismo cada vez mais morno desde a era leibniziana, até hoje não conseguiu se desenvolver adequadamente, nem

mesmo sob as condições de uma liberdade formal, estando sempre disposta a proclamar como sua verdadeira demanda a subordinação a uma instância qualquer (ADORNO, 2003, p. 16).

De acordo com Padilha (2011), é o encantamento pelo inacabamento dos objetos que leva Benjamin a se aproximar deles de forma íntima e profunda; e assim o filósofo faz com que o conhecido se torne algo estranho e, por isso, tem a possibilidade de ser, também, criticado. Trata-se sempre de uma atitude libertadora, já que a crítica “exuma os gestos incompletos que a humanidade deixa inscritos em suas obras” (MERQUIOR, 1969, 103).

Nesse sentido, a única competência do ensaio que deve ser seguida é aquela consentida pelo pensamento de ir e vir num movimento dialético, tal como revela Padilha (2011, p. 243): “A única ‘autoridade’ a ser seguida é aquela imposta pelo próprio pensamento que hesita, retrocede, avança, num movimento intermitente que a escrita filosófica sóbria registra. Esse é o caminho (método) do ensaio.” Nas palavras de Benjamin, “de fato, pode-se ter o sentimento de que a forma do meu trabalho é problemática. Mas não haveria outra para mim nesse caso: pois queria manter as mãos livres; não queria concluir logo” (BENJAMIN, 1989a, p. 134).

No fragmento de Benjamin citado acima, Padilha discorre sobre o quanto Benjamin priorizava o movimento do pensamento, por isso não se deixava levar por determinações que porventura lhe fossem impostas. Padilha afirma que:

Manter as mãos livres talvez seja a chave mesma para a compreensão do ensaio, pois significa poder recomeçar a qualquer momento, de novo, mais uma vez; não se submeter à imposição nem de um ponto final nem de um método *a priori*; não conter o pensamento dentro de um sistema fechado (PADILHA, 2011, p. 244).

Dessa maneira, o ensaio como forma abordado por Adorno tem a possibilidade de desafiar o pensamento filosófico, uma vez que ele não pode ser mensurado externamente, e o importante para esse gênero é a relação de proximidade que existe com o objeto da crítica na linguagem. Assim, o ensaísmo se volta a uma outra reflexão infinita, a uma sempre

aberta revisão de si (MERQUIOR, 1969, p. 159). Nas palavras de Adorno:

O ensaio, em contrapartida, incorpora o impulso anti-sistemático em seu próprio modo de proceder, introduzindo sem cerimônias e imediatamente os conceitos, tal como eles se apresentam. Estes só se tornam mais precisos por meio das relações que engendram entre si. [...] Na verdade, todos os conceitos já estão implicitamente concretizados pela linguagem em que se encontram. O ensaio parte dessas significações e, por ser, ele próprio essencialmente linguagem, leva-as adiante (ADORNO, 2003, p. 229).

Padilha (2011) argumenta que o ensaio não tenciona propor ou definir um significado rígido para cada conceito e nem restringi-lo com verdades absolutas. O que interessa para esse gênero é o movimento do pensamento. Justamente por isso, Adorno (2003) faz a defesa desse gênero considerado inferior na Alemanha, pois o ensaio não é devidamente reconhecido pelo discurso científico graças ao desconcerto que ele provoca ao não oferecer de antemão nenhuma garantia:

O ensaio tem a ver, todavia, com os pontos cegos de seus objetos. Ele quer desencavar, com os conceitos, aquilo que não cabe em conceitos, ou aquilo que, através das contradições em que os conceitos se enredam, acaba revelando que a rede de objetividade desses conceitos é meramente um arranjo subjetivo (ADORNO, 2003, p. 44).

Dito isso, voltemos à pergunta introdutória deste capítulo: de que maneira a escrita benjaminiana responde às temáticas de experiência, narratividade, história e progresso?

Após esta tentativa de explicação sobre o ensaio e sobre os conceitos de tempo, história e progresso, presente nos capítulos anteriores, infere-se que tanto o ensaio como forma quanto os temas discutidos por Benjamin mencionados acima constituem construções inacabadas, estruturadas sobre fragmentos, como a própria realidade se apresenta.

Por exemplo, vê-se que no gênero ensaio e nos temas discutidos por Benjamin há sempre uma nova perspectiva, um diferente contexto e leitor, por isso, constantemente, faz-se possível lançar um novo olhar para cada verdade que se revela. Segundo Adorno (2003), Benjamin tinha como preceito não rejeitar nada que ele pudesse analisar, pois enxergava tudo como relevante e nada devia ser posto de lado. Assim diz Benjamin: “[...] Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível utilizando-os” (2006, p. 502).

Dessa forma, a dinâmica fragmentária da escrita de Walter Benjamin se mostra como uma crítica ao progresso e à noção de história linear, ou seja, sua escrita é um exemplo de resistência ao progresso e à forma como as temáticas de história e progresso estão postas, pois tal dinâmica foge aos preceitos acadêmicos tradicionais e não se permite ser linear e contínua.

O ensaio em Benjamin, nesse sentido, resiste à noção de progresso e responde criticamente aos temas benjaminianos de história, experiência e narratividade, pois, segundo o filósofo, por renunciar a ideia de um único método, acaba por demonstrar outras concepções que não favorecem apenas a perspectiva do vencedor.

Assim, o ensaio benjaminiano, em sua forma, desvela-se como sendo uma alternativa para repensar os conceitos e práticas históricas excludentes, visto que revela que não existe somente um caminho a ser percorrido. Conforme Padilha (2011), o ensaio benjaminiano é semelhante ao mosaico, pois tanto a epígrafe quanto a citação, a pontuação e todos os outros aspectos têm a possibilidade e a intenção de fazer com que o texto “se torne mais ou menos denso, claro e expressivo.” Assim o ensaio em Benjamin constrói outros caminhos e permanece atento a todas as possibilidades que possam estar presentes num mesmo momento. Nas palavras de Garcia:

Renunciar à ideia de um método único que nos conduza sempre à verdade, e que a garanta, não implica de nenhuma maneira que estamos dispostos a desistir da utilização de instrumentos ou dispositivos, técnicas ou procedimentos. Só implica que não anteporemos o método à experiência, que não cremos que haja um só caminho ou um só dispositivo adequado para pensar, explorar, inventar... conhecer. Só renunciamos ao fetiche do método e podemos ainda desdobrar uma infinidade de dispositivos,

construir caminhos, trilhas, estradas, ou escolher ir através do campo ou entre o mato, ou preferir o bosque à estrada. Renunciar ao método não implica cair no abismo do sem sentido, mas abrir-se à multiplicidade de significados (GARCIA, 2003a, p. 35).

Na citação acima, Regina Leite Garcia (2003) demonstra que a noção de método para o ensaio não é tão essencial quanto a experiência que se possa adquirir e encontrar em diferentes caminhos que também podem ser percorridos, pois o importante, para esse gênero, é a diversidade de interpretações que coexistem à nossa volta, independentemente do percurso que se segue.

De resto, caso o método se sobressaia diante do conhecimento, serão deixadas de lado outras possibilidades que poderiam ser feitas por outros caminhos, por isso é imprescindível pensar sobre a postura que o ensaio benjaminiano, em sua forma, assume ao vislumbrar uma história aberta que dá chance a todos os que não tiverem voz e nem vez na sociedade. Ao se refletir sobre a forma do ensaio benjaminiano, compreende-se que através dele é possível pensar sobre uma diferente postura em relação ao campo educacional, que vislumbre a libertação da educação diante do conformismo burocrático que tanto prevalece no sistema capitalista.

Por isso, de acordo com Beatriz Sarlo (2007), para o ensaio benjaminiano, o primordial não é o procedimento, nem a técnica, nem a metodologia, e sim outras possibilidades e outros cenários que também provam ser capazes de oferecer diferentes perspectivas frente às verdades que se manifestam.

É importante esclarecer que não é qualquer ensaio que possibilita uma concepção mais reflexiva e aberta da realidade. Nesta pesquisa, o enfoque que se dá é sobre o ensaio benjaminiano, visto que outros ensaios podem até alienar e serem improdutivos e superficiais. Dessa maneira, observa-se que nessa sociedade fragmentada, caso o ensaio seja produzido sem uma perspectiva mais crítica, ele corre o risco de nos isolar do propósito ensaístico no qual Benjamin produz.

Sob esse entendimento, infere-se que o ensaio por si só não pode abrir novos olhares, mas sim o ensaio na perspectiva benjaminiana, que permite ter um caráter reflexivo e possibilita desvelar vários aspectos da realidade.

4.1 RELAÇÃO ENTRE A ESCRITA ENSAÍSTICA BENJAMINIANA E A EDUCAÇÃO

Esta seção tem por objetivo retomar os conceitos e objetos vistos nas seções anteriores a partir do ensaio como forma e mostrar de que maneira a escrita benjaminiana responde a essas temáticas discutidas pelo filósofo. Além disso, faremos uma tentativa de reflexão acerca do seguinte questionamento: de que modo o ensaio como forma pode contribuir para refletir sobre processo educativo e a escrita na educação?

Dito em outras palavras, o foco deste capítulo é mostrar de que maneira a escrita benjaminiana responde às temáticas de experiência, narratividade, história e progresso, assim como mostrar a aproximação que há entre o ensaio benjaminiano e o processo educativo.

Ao pesquisar sobre o gênero ensaístico e tentar algum tipo de formulação inicial, é necessário entender, antes de mais nada, que estamos falando de um gênero fluido, que não respeita regras fixas nem normas estabelecidas de antemão. Com esse entendimento de que o ensaio não é de fácil classificação, num primeiro momento, far-se-á um rápido percurso sobre a história do gênero ensaio e quais as características mais comuns do gênero na perspectiva de Adorno (2003). Ou seja, o texto discute o seu surgimento, sua função, natureza, influências e a questão de sua assistematicidade.

De acordo com Sílvio Lima (1946), a palavra “ensaio” tem sua origem no latim – *exagiu(m)*, ou seja, ação de pensar, provar, experimentar etc. Foi em 1580 que surgiu o gênero ensaio com Montaigne. Embora o ensaio possa ser situado entre os gêneros mais antigos, uma vez que as suas amostras iniciais se encontram nos *Diálogos* de Platão, nas *Epístolas* de Sêneca, nas *Meditações* de Marco Aurélio, nas *Confissões* de Santo Agostinho, nos discursos fúnebres etc., cabe enfatizar que foi a partir de Montaigne que houve o surgimento “oficial” do gênero. Como Lima observa, “Montaigne criaria literariamente – segundo se pensa e se diz – não só a palavra ensaio senão que também um gênero novo: o ensaio”. Assim, discorre Lima:

Que todo o ensaio é, e deve ser crítico, vislumbra-se logo no próprio título de ensaio. Ensaio vem da palavra latina *exagium*. Ora esta palavra refere-se ao exame valorativo, à contrastaria das moedas (avaliação do seu toque, título, quilate, ou dinheiros de fino). Ensaïar é fazer prova, analisar: «monetam inspicerere». Em francês «essayer», ou

no estilo arcaico «asayer». (LIMA, 1946, p. 68).

Tal como Massaud Moisés (1990) assinala, é com a publicação de *Essais*, em 1580, que se assume o início desse gênero textual. Além disso, os ensaios de Montaigne estão entre as obras que consagraram a filosofia moderna e foram consideradas um clássico universal e uma das referências mais importantes do gênero. Em seguida, no ano de 1597, Francis Bacon consolidou-se como o pioneiro do gênero na Inglaterra. Todavia, todas

as tentativas no sentido de estabelecer uma teoria do ensaio decorrem, necessariamente, dos ensaios de Montaigne: o que se pode saber do ensaio como expressão literária desentranha-se dos textos do escritor francês (MOISÉS, 1990, p. 228).

De acordo com Lima, Montaigne nasceu numa família rica e teve uma excelente educação e formação acadêmica. Foi alfabetizado em latim e ocupou cargo na política como prefeito de Bordeaux. Em 1571, ele começa a pensar e a refletir sobre as expectativas, experiências e condições da humanidade, então sai da vida política e dedica-se a escrever. Contextualizando a época em que Montaigne viveu, Lima nos diz o seguinte:

No século XVI, tão rico de « nouvelletés » e tão confuso de valores doutrinários, (...) ensaiar é fazer prova, analisar: O ensaiador, oficial da Casa-da-Moeda, executa o ensaio, ou o ensaiamento, dos metais. E como o faz? Por meio da balança. Ora este instrumento da balança transpõe o Montaigne para o domínio literário da sua obra (LIMA, 1946, p. 68).

Nessa perspectiva, segundo Lima, para Montaigne o ato de pensar era crucial antes do escrever: “Note-se: esta ideia da pesagem está já incluída no próprio vocábulo *pensar*, de *pensare*, *ponderare*, *pondus*. O pensador é o indivíduo que *pesa* os juízos, como o ensaiador as moedas. Pesa, ou ensaia” (LIMA, 1946, p. 68). Diante do fragmento citado acima, percebe-se que o significado das palavras “balança” e “pesar” remete justamente ao que o ensaio se propõe a fazer, que é ponderar, experimentar, observar, provar e analisar o objeto a ser abordado, ou seja, sempre no sentido de “ensaia o intelecto” (LIMA,

1946, p. 61).

Assim, tanto o próprio Montaigne quanto as características do gênero ensaio têm a peculiaridade de serem avessos a dogmas e à rigidez das normas fixas, pois o que se pretende é o espírito questionador que privilegia o caminho e não a chegada; nesse sentido, Montaigne “traduziria, no fundo, o repúdio ao conceitualismo” (LIMA, 1946, p. 108).

Além do mais, verifica-se que Montaigne procurava mais compreender assuntos sobre a conduta humana do que questionar e dar respostas sobre o que é adequado ou impróprio. Assim, os temas, nos ensaios de Montaigne, referem-se a assuntos sobre a condição da vida humana, os quais ele primeiro examinava com atenção e certa parcialidade para depois escrever balanceando as ideias. Dessa maneira, através do ensaio, Montaigne consegue atingir, de maneira autêntica, a captura da realidade, pois não pretendia intervir nem querer julgá-la, mas sim abordar temas existenciais de forma mais legítima e condizente com o real.

Ademais, escrevia sobre temas bem abrangentes que, atualmente, além de atrair as pessoas, continuam sendo assuntos importantes para o pensamento e a reflexão. São assuntos como a morte, a guerra, a religião, o amor, o temor, a violência, entre outros.

Em Montaigne não há um gênero, mas uma maneira própria, de contornos fluidos; fluidos porque eles são a palpitação, o mover ondulante de uma personalidade viva, que se desenvolve na corrente da vida. Os ensaios de Montaigne quer no fundo quer na forma, não podem integrar-se num gênero já feito nem constituir um gênero para outrem, porque os ensaios são – atente-se bem – os ensaios de uma personalidade, os ensaios de Montaigne são um viver traduzidos literariamente, por outras palavras, o comportamento polimórfico de um indivíduo perante o seu século e os problemas gerais da existência. Para tudo resumir: Montaigne auto-retrata-se; o seu auto-retrato faz-se mediante uma maneira inconfundível de pincelar, de debuxar; tal maneira é que representa o ensaio, nele sempre vinculado a sua assinatura (LIMA, 1946, p. 78).

Nessa perspectiva, é importante enfatizar que, de acordo com Lima (1946), Montaigne mencionou, em seus ensaios, autores da Antiguidade como Platão, Sócrates, Aristóteles, Virgílio, Horácio, Cícero, Sêneca e Plutarco, porém seu pensamento não pode ser limitado a teorias. Tampouco é possível dizer que houve imitação ou que seu pensamento foi sistematizado com base nestes clássicos, mesmo que ele tenha se embasado em leituras de clássicos da filosofia e discutido temas primordiais para a compreensão da condição humana. E, certamente, esta é uma característica da escritura de Montaigne e do gênero ensaístico: o ensaio prima pela assistemática e é um gênero mais livre. Defende Adorno (2003, p. 16):

O ensaio [...] não admite que seu âmbito de competência lhe seja prescrito. Em vez de alcançar algo cientificamente ou criar artisticamente alguma coisa, seus esforços ainda espelham a disponibilidade de quem, como uma criança, não tem vergonha de se entusiasmar com o que os outros já fizeram.

Entretanto, vale salientar que a história e o conceito desse gênero estão sujeitos a diversas definições, pois sua descrição pode obedecer tanto o critério empírico, daí partiríamos, por exemplo, dos escritos de Aristóteles, Montaigne e F. Bacon, com características e padrões fornecidos pela tradição, quanto respeitar uma definição mais rígida, que segue um quadro referencial teórico, sistemático, coerente e que o define enquanto tal.

Dito isso, este capítulo considera algumas reflexões de Adorno (2003) em seu texto “O ensaio como forma”, que se encontra na coletânea intitulada *Notas de Literatura*. O texto em questão foi escrito especificamente para o primeiro volume do livro e é um de seus ensaios mais conhecidos. Assim, Adorno destaca, em seu texto, o caráter conceitual do ensaio e suas singularidades, apontando que ele não se prende a um método pré-estabelecido:

O ensaio é, ao mesmo tempo, mais aberto e mais fechado do que agrada ao pensamento tradicional. Mais aberto na medida em que ele nega a sistemática [...]. É mais fechado porque ele trabalha enfaticamente na forma de exposição. O objeto do ensaio é, no entanto, o novo enquanto novo, aquilo que não pode ser traduzido de volta

ao antigo das formas vigentes. [...] A atualidade do ensaio é a do anacrônico. E a mais extrínseca lei formal do ensaio é a heresia (ADORNO, 2003, p. 182).

Dessa forma, o filósofo diz que o ensaio “não segue as regras do jogo da ciência e das teorias organizadas” e, a seguir, aponta que o ensaio “recua assustado diante da violência do dogma” (ADORNO, 2003, p. 25). Por fim, Adorno ressalta que o caráter ensaístico seria comparável e semelhante ao de

alguém que, em terra estrangeira, é obrigado a falar a língua do país, em vez de ficar balbuciando a partir das regras que se aprendem na escola. Essa pessoa vai ler sem dicionário. Quando tiver visto trinta vezes a mesma palavra, em contextos sempre diferentes, estará mais segura de seu sentido do que se tivesse consultado o verbete com a lista de significados, geralmente estreita demais para dar conta das alterações de sentido e vaga demais em relação às nuances inalteráveis que o contexto funda em cada caso (ADORNO, 2003, p. 30).

Diante disso, para o filósofo frankfurtiano, a comparação do ensaio com o viajante, que em terra estrangeira aprende o novo idioma quando começa a utilizá-lo, significa que, ao se valer de conceitos, o ensaio na verdade os testa, pois no ensaio nenhum conceito é fundamental ou substancial o suficiente para ser em seguida simplesmente aplicado, e nenhum objeto é tão indiscutível que não deva ser interpretado. Observa-se também, no trecho citado, que o fato de o ensaio permitir se expor ao erro faz parte do processo de experiência, e, por isso, esse gênero se recusa a aceitar fórmulas prontas e não se enquadra e nem se molda à aceitação de critérios de verdade.

De acordo com Mônica da Silva Boia (2011), Adorno discorre sobre o ensaio – assunto já abordado por Lukács – sem a pretensão de apresentar ou propor rigorosamente os conceitos finais desse gênero, ou ainda de expor seu fim último. Ao contrário, o processo da busca pelo conhecimento e pela compreensão de determinado assunto deve implicar a continuidade e o esforço de procurar novos significados, uma vez que cada época e espaço influenciam em diferentes interpretações constituídas pelo sujeito. Assim, comenta Adorno:

O ensaio reflete o que é amado e odiado, em vez de conceber o espírito como uma criação a partir do nada, segundo o modelo de uma irrestrita moral do trabalho. Felicidade e jogo lhe são essenciais. Ele não começa com Adão e Eva, mas com aquilo sobre o que deseja falar; diz o que a respeito lhe ocorre e termina onde sente ter chegado ao fim, onde nada mais resta a dizer: ocupa, desse modo, um lugar entre os despropósitos. Seus conceitos não são construídos a partir de um princípio primeiro, nem convergem para um fim último. Suas interpretações não são filologicamente rígidas e ponderadas, são por princípio super interpretações [...] Quem interpreta, em vez de simplesmente registrar e classificar, é estigmatizado como alguém que desorienta a inteligência para um devaneio impotente e implica onde não há nada para explicar (ADORNO, 2003, p. 16-17).

O ensaio, dessa forma, é uma maneira aberta de expor o pensamento, pois não pretende oferecer conteúdos acabados. Por exemplo, quando há a exposição de uma teoria, não busca apresentá-la de modo doutrinal e dogmático. E, por isso, de acordo com Paviani (2009), esse gênero na Alemanha era desacreditado, um produto híbrido. Assim escreve o filósofo Adorno:

Apesar de toda confiança que Simmel e o jovem Lukács, Kassner e Benjamin manifestaram em relação ao ensaio, à especulação sobre objetos específicos, já preformados culturalmente, a corporação acadêmica só tolera como filosofia aquilo que se reveste com a dignidade do universal, do permanente, e, hoje em dia, porventura, com a dignidade do originário (ADORNO, 2003, p. 168).

Para Adorno, o ensaio assemelha-se mais a uma verdade que reconhece o movimento do pensamento e da existência do que à busca de uma verdade que crê num postulado dogmático. Dessa forma, ele permite novos modos de expressão e de pensamento, e rompe com a busca de uma verdade totalizante e absoluta. Por isso, segundo Paviani

(2009), o ensaio é contrário ao pensamento sistematizado e ao discurso do método cartesiano. Nesse sentido, Adorno (2003, p. 31) afirma que o ensaio teria de “ser interpretado como um protesto contra as quatro regras estabelecidas pelo *Discours de la méthode* de Descartes”. Comprova-se o argumento, citado acima, na seguinte passagem:

É inerente à forma do ensaio a sua própria relativização: ele precisa compor-se de tal modo como se, a todo momento, pudesse interromper-se. Ele pensa aos solavancos e aos pedaços, assim como a realidade é descontínua, encontra sua unidade através de rupturas e não à medida que as escamoteia. A unanimidade da ordem lógica engana quanto à essência antagônica daquilo que ela recobre. A descontinuidade é essencial ao ensaio, seu assunto é sempre um conflito suspenso (ADORNO, 2003, p. 180).

Dessa maneira, de acordo com Paviani (2009), Adorno faz a defesa do gênero declarando que o ensaio, diferentemente do artigo científico, por exemplo, elabora argumentos de modo ensaístico, ou seja, esse gênero tem a necessidade de exercitar e experimentar algo, seja questionando, refletindo ou criticando o próprio objeto de estudo. Nessa perspectiva, Adorno seguiu Benjamin e Montaigne no modo ensaístico de escrever. E segundo Adorno, Benjamin também assemelha-se a Montaigne na maneira de escrever: “Benjamin, acostumado a estudar poetas, aproxima-se de Montaigne, que apreciava o caminho dos bosques e, quando podia, interrompia seus afazeres para correr para casa e anotar suas ideias” (ADORNO, 2003, p. 108-109).

Além do mais, de acordo com Andréia Guerini (2010) em seu texto “A teoria do ensaio: reflexões sobre uma ausência”, esse gênero foi criado por um francês e teorizado pelos alemães, pois a teoria literária não ofereceu uma definição cuidadosa e precisa sobre o ensaio enquanto gênero. Assim sendo, a ausência de conceito sobre o gênero justifica o porquê de ele ser tão variado, flexível e abrangente. Dessa forma, o ensaio é um gênero dos mais intrigantes e multifacetados, pois adequa-se a diferentes formas de expressão, mas sem se desvincular de suas características próprias. Assim, Adorno dirá que:

O ensaio se conscientiza quanto à não-identidade; a um princípio, no gesto de acentuar o parcial diante do total, no caráter fragmentário. [...]. O

ensaio não compartilha a regra do jogo da ciência e da teoria organizadas. [...] O ensaio não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva. O ensaio não quer captar o eterno nem destilá-lo do transitório; prefere perenizar o transitório. [...] assume em seu próprio proceder o impulso anti-sistemático (2003, p. 173).

Além disso, segundo Andréia Guerini (2010), é importante observar que todas as explicações a respeito do ensaio nos reportam ao "inventor" Montaigne, que ao refletir e conceituar sobre o gênero literário em um fragmento de seus próprios *Essais*, comenta:

O julgamento é um instrumento necessário para todos os assuntos, e se imiscui por toda parte. Por causa disso, nos ensaios que faço aqui, emprego nisso toda espécie de oportunidade. Se é um assunto de que nada entendo, por isso mesmo ensaio-o, sondando o vau de bem longe; e depois, achando-o fundo demais para minha estatura, mantenho-me na margem; e esse reconhecimento de não poder passar para o outro lado é uma característica de sua ação, e mesmo das que mais o envaidecem. Por vezes, em um assunto vão e sem valor, procuro ver se ele encontrará com que lhe dar corpo, e com que o apoiar e escorar. Por vezes passeio-o por um assunto nobre e repisado, no qual nada tem a descobrir por si, estando o caminho tão trilhado que ele só pode caminhar sobre as pegadas de outrem. Então atua escolhendo o caminho que lhe parece o melhor e, entre mil veredas, diz que esta, ou aquela, foi a mais bem escolhida. Tomo da fortuna o primeiro argumento. Eles me são igualmente bons. Mas nunca me proponho apresentá-los inteiros. Pois não vejo o todo de coisa alguma; tampouco o veem os que nos prometem mostrá-lo. De cem membros e rostos que cada coisa tem, tomo um, ora para somente roçá-lo, ora para examinar-lhe a superfície; e às vezes para pinçá-lo até o osso. Faço-lhe um furo, não o mais largo porém o mais fundo que sei. E quase sempre gosto de captá-los por algum ângulo inusitado. Arriscar-me-ia a tratar a fundo alguma matéria, se me conhecesse

menos. Semeando aqui uma palavra, ali uma outra, retalhos tirados de sua peça, separados, sem intenção e sem compromisso, não estou obrigado a fazê-lo bem nem a limitar a mim mesmo, sem variar quando me aprouver; e render-me à dúvida e incerteza, e à minha forma principal, que é a ignorância (MONTAIGNE, 1972, p. 448-449).

Nesse fragmento de Montaigne, observa-se o quanto o gênero ensaístico é multifacetado e labiríntico, pois é devido a essa sua complexidade que o gênero permite misturar formas e estilos diferentes. Também possibilita ensaiar tanto sobre um assunto que já foi mencionado e “repisado” por diversas vezes quanto tratar de algo “desimportante” e torná-lo relevante. Contudo, deve-se atentar quando Adorno diz que o ensaio “se nega a definir os seus conceitos” (1994, p. 175). Assim, a negação da busca por uma resposta ou significado é o que possibilita analisar de diversas maneiras sem rejeitar ou deixar de lado nenhuma hipótese ou visão diferente. Por isso, segundo o fragmento de Montaigne, o julgamento é imprescindível para todas as questões e argumentos em que se aborde determinado objeto.

4.2 CONTRIBUIÇÃO DO GÊNERO ENSAIO PARA EDUCAÇÃO

Diante disso, voltemos ao segundo questionamento deste capítulo: de que modo o ensaio como forma em Benjamin pode contribuir para refletir sobre o processo educativo e sobre a escrita no campo da educação? Primeiramente, é importante esclarecer que o ensaio em si pode ser muito superficial e, caso não se tenha uma visão crítica da sociedade, esse gênero corre o risco de alienar ao invés de libertar. Dessa maneira, salienta-se que o ensaio como forma em Walter Benjamin é que possibilita a abertura de novos olhares frente à realidade que se apresenta.

Dito isso, e após esta tentativa de investigação a respeito do ensaio como forma em Benjamin, verifica-se que a importância do gênero ensaístico benjaminiano para se pensar a reflexão acadêmica se dá devido a ele não se submeter à imposição de nenhum sistema fechado, ou seja, nele há a possibilidade de se ter sempre uma reflexão crítica, devido à sua rebeldia constitutiva.

Dessa maneira, o ensaio benjaminiano, por ser mais autônomo, cria um espaço polêmico de debate e reflexão, sempre num movimento contínuo. Além disso, infere-se que esta reflexão sobre o ensaio em

Benjamin e sua própria escrita são importantes no processo educativo, pois permitem se constituírem como um modelo de reflexão dinâmico e polifônico, pois possibilita constantemente ser repensado e se torna uma forma de crítica às relações de poder. No que se refere às críticas de relações de poder, o ensaio benjaminiano se torna relevante porque tanto os assuntos “desimportantes” e “subalternos” quanto questões mais “respeitáveis” e “significativas” são primordiais e não se admitem serem rejeitadas. Dessa maneira, segundo Sarlo (2007), Benjamin articula tudo que encontra; por exemplo, ele capta detalhes triviais e quase imperceptíveis e consegue dar-lhes o máximo de significação, construindo assim um movimento único e complexo do pensar. Sarlo diz que:

Benjamin conoció esta perspectiva filosófica como una pasión por los detalles y la practicó con la agudeza de lo que Adorno definió como: “mirada microscópica”. La originalidade de Benjamin se manifesta en este trabajo de atrapar lo verdaderamente significativo en lo pequeno y lo trivial (Sarlo, 2007, p. 37).

Como defende Adorno (2003), o ensaio é a favor do empenho permanente para desestabilizar e subverter metodologias e postulados normativos, pois assim como a realidade e o pensamento se apresentam, esse gênero terá, essencialmente, sempre uma nova configuração e diferentes espaços, contextos e sujeitos para serem debatidos, portanto, no ensaio, “as verdades” possibilitam resultados diferentes que são reinventados e jamais permanentes. Assim diz Adorno (2003, p. 32):

O ensaio não apenas negligencia a certeza indubitável, como também renuncia ao ideal desta certeza. Torna-se verdadeiro pela marcha de seu pensamento, que o leva para além de si mesmo, e não pela obsessão em buscar seus fundamentos como se fossem tesouros enterrados.

Dessa maneira, o ensaio benjaminiano, em sua própria forma, incorpora a possibilidade de pensar a história, a experiência, a narratividade e a educação de outra maneira. Nesse sentido, o ensaio desse filósofo, na reflexão acadêmica, seria uma alternativa menos mecanicista para pensar a educação, pois as instituições de ensino, por um lado, são cheias de verdades indubitáveis, conteudistas e

progressistas; já o ensaio benjaminiano, por outro lado, resiste à lógica do sistema capitalista hegemônico. Por essa razão, o ensaio como forma em Walter Benjamin pode contribuir para ajudar no processo educativo, já que, ao se refletir com ele, existe a chance de uma constante reconstrução dos conceitos e da própria escrita. O gênero em questão, conforme Adorno discute, renuncia à ideia de um único método e demonstra que não existe somente um caminho a ser percorrido, por isso deve ser continuamente reelaborado a fim de desestabilizar as verdades absolutas.

Além do mais, o ensaio, conforme Adorno explica, não deve pretender determinar um sentido estrito sobre cada acontecimento ou conceito, nem estabelecer certezas definitivas. O que interessa para o ensaio é sua não linearidade e a possibilidade de ir e vir. Assim sendo, refletindo-se sobre a escrita ensaística benjaminiana, há a possibilidade de tornar o conhecimento aberto a novos olhares, considerá-lo mais plural e receptivo a novas perspectivas. Assim comenta Adorno (2003, p. 180):

[...] no ensaio como forma se enuncia a necessidade de anular as exigências, já superadas na teoria, de ser completo e de se ter continuidade também no procedimento concreto do espírito. Enquanto se rebela esteticamente contra o estreito método de não deixar nada fora, o ensaio obedece a um motivo de ordem epistemológica. [...] Também no modo de expor, o ensaio não deve fazer como se ele tivesse deduzido o objeto e que dele nada mais restaria a dizer. É inerente à forma do ensaio sua própria relativização [...]. A descontinuidade é essencial ao ensaio. [...] A unidade do ensaio é determinada pela unidade do seu objeto, junto com a da teoria e da experiência que se encarnam nele. A sua natureza aberta não é algo vago, de sentimento e de estado d'alma, mas alcança contornos por seu conteúdo.

Para Benjamin, com o surgimento e a velocidade da informação, ocorreu a impossibilidade da transmissão da experiência pela palavra narrada; por exemplo, a informação jornalística, a racionalidade e a experiência do choque, como explicado no segundo capítulo, acarretaram o fim da experiência também no âmbito escolar. Assim, a reflexão a respeito do ensaio como forma na universidade, segundo

Larrosa (2003), seria uma maneira de problematizar e pensar a educação sobre o porquê de haver tanta objetividade, racionalidade e produtivismo na academia. Segundo Adorno, já no Século XX, o filósofo percebia o quanto a razão predominava nas instituições de ensino e questões mais subjetivas, como a arte, por exemplo, eram consideradas menores e com menos prestígio e privilégio.

Acerca disso, Adorno escreveu que a rigidez da racionalidade "pretende resguardar a arte como uma reserva de irracionalidade, identificando conhecimento com ciência organizada e excluindo como impuro tudo o que não se submeta a essa antítese" (Adorno, 2003, p. 15). Dessa maneira, de acordo com Larrosa (2003), o ensaio é relevante para pensar a universidade, porque neste gênero enquanto forma existe a junção tanto da objetividade quanto da arte e da subjetividade. Assim revela Larrosa:

O ensaio confundiria ou atravessaria a distinção entre ciência, conhecimento, objetividade e racionalidade, por um lado; e arte, imaginação, subjetividade irracionalidade por outro. O que o ensaio faz é colocar as fronteiras em questão. E as fronteiras, como se sabe, são gigantescos mecanismos de exclusão (LARROSA, 2003, p. 103).

Sob essa ótica, observa-se o quanto as instituições se limitam apenas a considerar as demandas sobre questões racionais e pragmáticas e deixam de lado assuntos referentes à arte, à emoção, ao abstrato. Tudo isso gera ausência de sentido nas práticas pedagógicas, que parecem vazias e sem vida, já que o ritmo acelerado ditado pela economia capitalista não permite espaço de trocas em prol do coletivo, da poesia e de temáticas "imateriais". Aliás, é justamente por esse motivo que o pensamento de Benjamin é fundamental no campo educacional. O filósofo alerta e discute o pragmatismo utilitário que inverte todo o sentido e função da educação, pois apenas prepara os sujeitos para o mercado de trabalho.

Os estudantes, segundo Benjamin, estão focados e submetidos a uma ciência mais utilitária, voltada para o campo profissional. Contudo, para o filósofo alemão, a universidade não poderia abrir mão das utopias, dos artistas e sonhadores que almejam uma outra forma de sociabilidade e de ciência que esteja empenhada com a humanidade. Assim, o autor critica o egoísmo, a falta de altruísmo e o

assistencialismo que ocorrem nas universidades, pois o compromisso social que elas assumem é meramente por culpa, para se redimirem; por esse motivo, estão dissociadas de uma prática cotidiana do estudante.

É verdade que as instituições de ensino comumente fazem trabalhos de extensão, separando teoria e prática, porém, para o filósofo, o pensamento intelectual já é uma prática social que deveria se dedicar à reconstrução integral da sociedade. Para ele, a ciência deve conter em seu cerne uma prática social cotidiana. Além disso, de acordo com Larrosa (2003), há uma crise em relação à sistematicidade e à lógica racional academicista, pois o que se percebe, nas universidades, é que todo o produtivismo refere-se sempre a enfatiadas repetições das mesmas coisas, sem comprometimento com uma real transformação social. Assim diz o autor:

Tenho a sensação de que no mundo acadêmico se está cada vez mais enfadado de ouvir sempre as mesmas coisas ditas no mesmo registro arrogante monótono, havendo como que uma necessidade de sair desse tédio e uma certa expectativa em relação a qualquer registro de escrita que se apresente como diferente. Tenho a impressão de que tanto a filosofia sistemática como a razão técnico científica entraram em crise (ainda que sejam todavia dominantes nas instituições) e que, por isso, voltaram os tempos do ensaio (LARROSA, 2003, p. 105).

Diante desse fragmento citado acima, infere-se que o trabalho com o ensaio como forma na reflexão acadêmica representa um compromisso ético e político, pois esse gênero defende a necessidade de exercitar e experimentar algo, seja questionando, refletindo ou criticando o próprio objeto de estudo, uma vez que o ensaio pode ser entendido como “a ousadia do intelecto criador” (LIMA, 1946, p. 26).

Dessa maneira, Benjamin, com sua escrita ensaística, deixa um legado para a educação, já que o fato de o ensaio permitir se expor ao erro e estar relacionado com uma prática social, no sentido de fazer parte do processo da experiência, permite-nos considerá-lo um caminho no qual o conhecimento é alcançado e compreendido. Constitui-se, nessa perspectiva, uma experiência mais reflexiva.

No gênero ensaio, há a possibilidade de “escovar a história a contrapelo” (Tese VII), pois ele foge da noção de linearidade, se recusa a aceitar fórmulas prontas e não se enquadra e nem se molda à aceitação

de critérios de verdade estabelecidos por esse sistema tão racional e distante de práticas sociais integradas, que são espaços negados na universidade.

Segundo Larrosa (2003), outra questão que torna o gênero ensaístico significativo no campo da educação diz respeito ao fato de o ensaio poder ser instrumento de reflexão devido à sua resistência ao culto e ao progresso e por opor-se ao ensino linear. Percebe-se que, no ensino, há a pretensão de sempre criar novos termos e novas nomenclaturas que não levam a uma reflexão sobre a comunidade. Dessa maneira, Larrosa (2003) critica a falta de compromisso com questões referentes a uma real mudança no atual sistema. Assim, discorre Larrosa:

A questão é que o mundo acadêmico está altamente compartimentalizado e tenho a sensação de que toda essa moda da transdisciplinaridade, da interdisciplinaridade e coisas desse estilo, não faz outra coisa senão abrir novos compartimentos, como se não fossem suficientes os que já temos. É como se estivéssemos fabricando especialistas na relação, na síntese, no "inter" e no "trans"; como se houvesse uma política acadêmica da mestiçagem; como se além das raças puras estivéssemos inventando os especialistas em impurezas, quer dizer, nas relações entre as raças puras (LARROSA, 2003, p. 107).

Assim sendo, segundo Larrosa (2003), no espaço acadêmico existe o receio de aceitar o gênero ensaístico, uma vez que há, na forma do ensaio, a intenção de tornar os espaços educacionais mais flexíveis, já que se pode compreender que a estrutura desse gênero é mais democrática e livre. Por isso, os administradores e burocratas se recusam a aprová-lo, porque temem que se possa transgredir ao permitir ultrapassar as fronteiras culturais circunscritas e delimitadas pelo sistema capitalista hegemônico. Sobre isso, argumenta Larrosa a respeito do pensamento adorniano:

A impureza e a liberdade do ensaio são, segundo Adorno, as principais dificuldades para a sua aceitação. Com relação à liberdade, creio que Adorno tem razão: a liberdade intelectual é uma qualidade em retrocesso, quando triunfam a

ciência organizada e a filosofia sistemática. Deleuze dizia que tanto a Epistemologia quanto a História da Filosofia são grandes dispositivos de repressão do pensamento. Porém, em relação à pureza, penso que os inimigos do ensaio não são os filósofos puros, os cientistas puros ou os artistas puros, mas os administradores da pureza, os especialistas da compartimentalização, os que não sabem fazer outra coisa senão administrar e sustentar fronteiras. O ensaio não atrapalha um filósofo, um escritor, um artista ou um cientista "puros", mas atrapalha os administradores da pureza, os burocratas da compartimentalização universitária (LARROSA, 2003, p. 108).

Além disso, o receio por parte dos administradores e burocratas das universidades deve-se a esse gênero ser mais inconformista e também ao fato de o ensaio permitir a exposição, com liberdade de ideias, de maneira mais crítica e reflexiva a respeito de assuntos que muitas vezes são deixados à margem. No ensaio, não há receio de se estar equivocado, visto que a preocupação do gênero é com o movimento do pensamento que cria e recria pontos de vista sobre variados temas referentes à realidade que vivenciamos, como é o caso dos temas que dizem respeito a questões políticas, religiosas, sociais, pessoais, comportamentais, culturais etc.

Diante disso, percebe-se que, possivelmente, devido ao gênero ensaístico ter-se consolidado como um dos mais importantes estilos no círculo da filosofia e da literatura, e através dele ocorrer as mudanças nos rumos da história, existe resistência, por parte dos defensores da lógica capitalista, em acolhê-lo na academia. Por isso, mais uma vez, ressalta-se que a importância e a relevância em refletir sobre esse gênero se dá devido à autonomia e à democracia que ele possibilita, tanto ao locutor quanto ao interlocutor, ou seja, quem o produzirá e quem o lerá terá a oportunidade de refletir e pensar de modo diferente, caso o queira. Assim, percebe-se que a condição da escritura ensaística “organiza-se como um diálogo entre o ensaísta e o leitor (ou o próprio eu)” (MOISÉS, 1990, p. 238).

Dessa maneira, justamente por conta dessa forma livre e assistemática que o ensaio benjaminiano assume, vê-se a importância dele para pensar questões realmente necessárias para a educação. Com efeito, o ensaio benjaminiano não se pauta em normas disciplinadoras e de controle, nem quer estabelecer padrões e imposições normalizantes.

Muito pelo contrário, ao investigar e pensar sobre o ensaio como forma em Walter Benjamin, vê-se o quanto ele permite e defende a realização de condições e possibilidades para a construção de um modelo libertário de cidadania, um modelo dinâmico e polifônico que dialoga com o pluralismo e com a mudança de ideias, pois “o ensaio é o auto-exercício de uma razão que critica livre e firmemente” (LIMA, 1946, p. 81-82).

Por tudo isso dito acima e diante destas reflexões, é possível enxergar o ensaio benjaminiano como uma escritura para meditar sobre o ambiente educativo numa perspectiva crítica, democrática, transformadora, libertária e emancipatória, pois seu formato enriquece a criatividade e o pensamento crítico e consciente. Nessa perspectiva, o ensaio benjaminiano pode ser entendido como “exercício de humildade, resultante da consciência aguda de que todo saber é pouco e está continuamente a substituir-se por outro, igualmente precário e frustrante” (MOISÉS, 1990, p. 237).

Desse modo, pensar o ensaio como forma, nas instituições de ensino, possibilita dar abertura a mais espaços críticos e interpretativos, visto que ele se distancia de qualquer projeto de doutrinação, ou seja, a escrita ensaística benjaminiana evita o que é tradicional e comum. Seu objetivo é cultivar o pensamento e mostrar outras mediações possíveis. Nesse entendimento, Adorno reconhece no final do seu texto sobre o ensaio que a sua lei formal é a heresia. Nas palavras do filósofo: “na infração à ortodoxia do pensamento torna-se visível na coisa aquilo que, por sua secreta finalidade objetiva, a ortodoxia busca manter invisível” (ADORNO, 2003, p. 187).

Em outras palavras, refletir sobre o ensaio benjaminiano permite entendê-lo como uma atividade educativa emancipadora, pois no momento de seu exercício é possível criar saberes e reinventá-los. A bem da verdade, é através dessas atividades educativas de caráter emancipador que se pode contribuir no processo de uma educação voltada para a construção de uma sociedade desenvolvida, soberana, justa e solidária. Para Adorno:

A exposição é [...] mais importante para o ensaio do que para os procedimentos que, separando o método do objeto, são indiferentes à exposição de seus conteúdos objetivados. O ‘como’ da expressão deve salvar a precisão sacrificada pela renúncia à delimitação do objeto sem todavia abandonar a coisa ao arbítrio de significados

conceituais decretados de maneira definitiva (ADORNO, 2003, p. 29).

Diante de toda esta investigação e destes argumentos, conclui-se que o ensaio, e não só o de Benjamin, mas de outros autores também, por promover mudanças nos rumos da história, gera o receio, por parte dos administradores e burocratas da universidade, em acolhê-lo, visto que este gênero, além de seu alto grau de reflexão, abrange autores experientes, originais e profundos, como Walter Benjamin, Foucault, Adorno, Montaigne e Freire, por exemplo. Todos esses autores influenciaram e continuam influenciando várias gerações para transformar e superar a sociedade atual. Por isso, esse gênero é temido nos espaços acadêmicos justamente por proporcionar esta transformação e ruptura na trajetória do sistema vigente.

Enfim, como diz Larrosa (2003, p. 112): “Tudo aquilo que não entra no padrão de alguns dos paradigmas reconhecidos, tudo aquilo que não se ajusta às classificações em uso, tudo aquilo que não se sabe o que é e para que serve, é suprimido e ignorado”. Assim, a importância de refletir sobre a escrita ensaística está no fato de ser uma escritura que possibilita a reforma do pensamento vigente e em seu cerne estar contida a condição da criticidade, já que “todo o ensaio é, e deve ser, *crítico*” (LIMA, 1946, p. 68). Por essa razão, refletir sobre o ensaio na educação significa desestabilizar a racionalidade deste mundo moderno que é tão lógico, também progredir e dar um enfoque diferente em relação à realidade que se revela. A sociedade moderna necessita de vozes discordantes que argumentem a partir de novos olhares e perspectivas para superação da desigual sociedade atual. Contudo, é importante esclarecer que a característica principal do ensaio não deve ser sua falta de lógica, mas sua complexidade reflexiva, sua densidade e profundidade, sua estrutura argumentativa sutil e quase poética em termos de imagens.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente dissertação, buscamos expor o conceito de ensaio como forma em Walter Benjamin a fim de mostrar de que modo a escrita benjaminiana pode contribuir para o processo educativo a partir de uma leitura dos ensaios desse filósofo alemão. Dessa maneira, esta pesquisa permitiu refletir e repensar sobre as construções lineares e racionais que se afastam do propósito educacional pautado numa educação voltada para a experiência genuína que se relaciona com o conhecimento e a vida humana.

Nesse entendimento, a hipótese desta pesquisa foi a de que o ensaio benjaminiano para a educação possibilita pensar sobre o quanto o ritmo acelerado visando ao progresso desordenado apenas institucionaliza e isola o conhecimento. Nessas reflexões sobre o ensaio como forma e sua contribuição para o processo educativo a partir de uma leitura benjaminiana, evidenciou-se que o ensaio traz a possibilidade de se desvencilhar de certas verdades e experimentar outras alternativas diferentes das quais estávamos habituados.

Dito isso, ressalto ainda que Benjamin tem uma grande contribuição a dar para a formação do sujeito social e para educação, pois possui uma linguagem que se comunica com várias áreas do conhecimento. Nesta pesquisa, apesar de outras inúmeras questões que poderiam ser colocadas, o questionamento que norteou-a foi: de que maneira o ensaio como forma benjaminiano pode contribuir para refletir sobre o processo educativo?

Conduzida por essa pergunta, percebi e considero que o ensaio como forma pode servir de alegoria para nos demonstrar que a educação na modernidade é pautada pela extrema razão e não permite encontrarmos uma saída, pois a linearidade da história pautada no progresso torna o sujeito um mero consumista, que, devido à racionalidade na modernidade, limita-o a ser um produtor e consumidor ao invés de se tornar ator de sua vida. Nessa perspectiva, essa modernidade marcada pelo sistema capitalista implanta no indivíduo apenas desejos insaciáveis de consumir e trabalhar para obter mercadorias, o que resulta numa educação voltada para o mercado de trabalho, sendo ela linear, racional e direcionada conforme o sistema capitalista age.

Entretanto, Benjamin, com seu modo dinâmico de escrita do ir e do vir, vai romper com essa linearidade para mostrar outras dimensões da realidade histórica, pois o filósofo acredita que a história refere-se não apenas a acontecimentos lineares, e sim a episódios que o sujeito

vive, que é a história do cotidiano, principalmente as micro-histórias. Dessa maneira, o modelo de escrita benjaminiano pode servir de alegoria para mostrar, no mundo da modernidade e conseqüentemente na educação, que é possível refletirmos sobre uma saída em relação à construção progressista e linear de educação. Ou seja, o que constatei nessa pesquisa é que este exemplo de escrita do filósofo, o ensaio como forma, poderia ser uma maneira de representação, assim como poderia servir de reflexão em relação à crítica que Benjamin faz da construção do moderno, ou seja, através do ensaio benjaminiano existe a possibilidade de refletirmos a respeito de uma saída desta modernidade e modelo linear e racional de educação.

Nessa perspectiva, para Benjamin, há inúmeras histórias simultâneas e é o presente que escolhe o passado que lhe interessa podendo optar por uma outra história. Assim o ensaio como forma possibilita, a partir do momento presente, reconstruir uma memória repleta de complexidades e riquezas capaz de mudar permanentemente o passado, pois, segundo Benjamin, não é o passado que determina o presente, mas sim o presente que escolhe o passado que lhe interessa. Nesse sentido, percebi, nesta dissertação, que o ensaio benjaminiano permite, a qualquer tempo, compor-se de várias realidades sem torna-se vazio e sem lógica; pelo contrário, ele se mostra como uma grande contribuição para pensarmos em construir uma educação em que se tenha sujeitos de sua própria história. E, apesar de existirmos dentro desse contexto da contemporaneidade voltado para o consumo, o que percebi nesta pesquisa é que na forma do ensaio benjaminiano podemos refletir e vislumbrar uma vida em comunidade, pois sabemos que há a possibilidade de, a partir do presente, reescrevermos e reconstruirmos um outro tipo de realidade.

Dessa forma, a relevância da forma do ensaio benjaminiano para o campo educacional se encontra no fato de proporcionar uma experiência que não precisa ser necessariamente com a verdade, já que o importante é experimentar e se desprender para explorar os vários aspectos que uma determinada realidade possa apresentar. Assim sendo, para a educação, o gênero ensaístico, na perspectiva benjaminiana, oportuniza a experiência de “liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa para além do que vimos sendo” (LARROSA, 2015, p. 9).

Ressalto ainda que esta pesquisa meticulosa sobre a reflexão do ensaio como forma em Benjamin demonstrou o quanto sua escrita repleta de fragmentos literários, aforismos e aglomerado de pensamentos compõe o estilo do pensamento benjaminiano que nos remete a pensar

num mosaico, e conseguimos perceber o quanto o ensaio em Benjamin se constrói nesta mistura do ir e do vir imerso em totalidades que se esgotam e em seguida se recompõem. É, justamente, nesse exemplo de sua escrita que se encontra o grande complexo legado que Benjamin nos deixa para que possamos discernir o quanto é equivocado pensarmos em postulados dogmáticos e sistemáticos para a educação que, certamente, deve ser contrária a isso e estar embasada em experimentar e transformar o saber e não querer dar-lhe uma verdade estagnada. Nessa perspectiva, Larrosa nos diz que:

Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita libertar-nos de certas verdades (LARROSA, 2015, p. 9).

Outra consideração pertinente a se fazer nesta dissertação é em relação ao quanto as temáticas benjaminianas sobre experiência e narrativa discutidas no primeiro capítulo vão ao encontro da dinâmica fragmentária da escrita de Walter Benjamin. Observou-se que a etimologia dos verbos ensaiar e experimentar remete ao ato de testar algo, e a postura de Benjamin diante da sua compreensão de experiência e seu estilo de escrever vislumbram uma atitude de abertura e experimento diante da realidade que se apresenta.

Além disso, os temas sobre história e progresso discutidos no segundo capítulo também se mostram compatíveis e se relacionam com a perspectiva do ensaio benjaminiano, pois tanto essas temáticas quanto o estilo ensaístico do filósofo alemão fogem da concepção de linearidade e renunciam a práticas excludentes e progressistas. Nesse sentido, infere-se o quanto se pode pensar sobre todo o legado de Benjamin para o campo educacional que nos instiga a refletir sobre a necessidade de fugir dos preceitos acadêmicos tradicionais que apenas querem atender às demandas mercadológicas tão precárias e distantes de uma experiência plena no sentido que Benjamin investigou. Assim diz Larrosa:

Penso que, se a educação não quer estar a serviço do que existe, tem que se organizar em torno de uma categoria livre, não sistemática, não intencional, inassimilável, em torno de uma categoria, poderíamos dizer, que não possa ser

apropriada por nenhuma lógica operativa ou funcional. Às vezes é a categoria de natalidade, ou de começo. Às vezes é a categoria de liberdade, ou de emancipação. Às vezes é a categoria de diferença, ou de alteridade, ou de acontecimento. Às vezes é a categoria de abertura, ou de catástrofe. Em qualquer caso, uma categoria que tem a ver com o não- saber, com o não-poder, com o não-querer. E penso que nas artes acontece algo parecido (LARROSA, 2015, p. 12).

Saliento ainda, nestas considerações, que tanto as escolhas dos textos quanto as minhas interpretações não pretenderam abarcar a totalidade dos temas das obras benjaminianas ou esgotar suas inúmeras compreensões. Coube aqui apenas levantar questões particulares para uma observação mais atenta do ensaio como forma em Benjamin, ressaltando sua relação com o campo da educação. Se, com isso, foi possível colocar perguntas pertinentes, a pesquisa já cumpriu seu papel, pois novos olhares e discussões podem ser lançados ao longo dessa produção, assim como outros autores e temas podem ser inseridos neste percurso, visto que as obras benjaminianas podem ser tratadas sob diversos prismas, pois sua diversidade e seus assuntos abordados possibilitam um diálogo transdisciplinar que ultrapassa as fronteiras do conhecimento e permite debater com as áreas da filosofia, da arte, da história, da literatura, do cinema, entre tantas outras.

Outra consideração a ser feita é que toda essa percepção da modernidade em Benjamin, nos vários temas que ele discute, evidencia a ideia de “desintegridade” que a vida moderna vem demonstrando. Sob esta ótica, ao discutir o ensaio benjaminiano e os temas sobre narratividade, história e progresso, há incutido, no cerne desses assuntos, o declínio da experiência autêntica. Por isso, para o campo educacional, essas reflexões são pertinentes para pensarmos qual o real propósito da educação e em que direção ela está indo na atual situação.

Assim, ao analisar os aspectos do ensaio benjaminiano e sua intenção em compor-se de fragmentos literários, aforismos e aglomerado de pensamentos, percebe-se que esse modo de escrever é condizente com uma postura que visa à procura de todas as diversas realidades que estão a nossa volta e não somente um tipo de visão. Na educação, também, deveria ter-se esse posicionamento de captar todo um conjunto de concepções, a fim de construir-se visando ao coletivo e se baseando numa experiência que resultasse no amadurecimento do indivíduo humano e de ações significativas para o senso de comunidade.

Todavia, o que se constata na investigação desta pesquisa é que o modo linear e individualista para o qual a sociedade se encaminha reflete-se em nossa educação, que também está voltada para questões utilitaristas e mercadológicas. Desse modo, a forma do ensaio em Benjamin nos faz enxergar e refletir sobre uma outra lógica de realidade que devemos ter. A escrita benjaminiana se mostra como um exemplo de postura que devemos ter diante da realidade, já que ela é repleta de fragmentos que juntos se completam e demonstram uma perspectiva que se preocupa com o todo e com o acolhimento de todas as possibilidades que uma época pode conter.

Em vista disso, o ensaio benjaminiano e suas discussões referentes a experiência, narratividade, progresso e história me fizeram observar, nesta pesquisa, o quanto a educação privilegia e enxerga a palavra progresso de forma linear e atribuindo-lhe um sentido como sendo a maneira mais eficaz e inteligente de desenvolver a humanidade. Sob essa ótica, Benjamin nos aponta uma perspectiva contrária a essa, pois, para ele, nossa geração, pautada nesse desenvolvimento linear, é e será cada vez mais decadente em valores e estará impossibilitada de adquirir uma experiência genuína, voltada para o coletivo e com senso de comunidade. Por isso, todas essas discussões sobre a forma do ensaio benjaminiano são fundamentais para se pensar além da nossa vida prática. E assim refletirmos qual educação queremos e que preço estamos dispostos a pagar ao privilegiar todos esses aparatos tecnológicos pautados nessa visão progressista e utilitária da vida.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **O ensaio como forma**. Sociologia. São Paulo: Ática, 2003.

ADORNO, T., HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AGAMBEM, Giorgio. **Infância e História: destruição da experiência e origem da história**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

ARENDDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. Trad. Ana Maria Faria. Coleção Antropos. Lisboa: Relógios D'Água, 1991.

BARRENTO, João. **O gênero intranquilo: anatomia do ensaio e do fragmento**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

BAUDELAIRE, Charles. **Poesia e prosa**. Nova Aguilar Rio de Janeiro: 1995

BENJAMIN, W. **Passagens**. Trad de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão e revisão de Patrícia de Freitas Camargo. Belo Horizonte/São Paulo: Editora UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986a.

_____. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Trad. por José Martins Barbosa e Hemerson Batista. (Obras Escolhidas; v. III). São Paulo: Brasiliense, 1989a.

_____. **Sobre arte, técnica, magia e política**. Trad. Maria Luz Moita. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

_____. Teses sobre a filosofia da história. In: **Sobre arte, técnica, magia e política**. Trad. Maria Luz Moita. Lisboa: Relógio D'Água, 1989b.

_____. **Documentos de cultura, documentos de barbárie.** Editora Cultrix, São Paulo : 1986b.

BOIA, Mônica da Silva. **O ensaio de María Zambranono contexto da modernidade.** Tese de Doutorado em Letras Neolatinas. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2011.

BORGES, B. I. **Ensaio filosóficos e peripécias do gênero.** Caxias do Sul, RS: Educs, 2006.

CHATAIGNIER, Gadelha, G. Do eterno retorno e suas formas: entre continuidade e ruptura na história de algumas recepções. **Politéia: História e Sociologia**, Vitória da Conquista, v. 8, p. 15-49, 2008.
Disponível em:
<<http://periodicos.uesb.br/index.php/politeia/article/viewFile/266/330>>.
Acesso em: 11 abr. 2016.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **História e narração em Walter Benjamin.** São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história.** Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GARCIA, Regina Leite; GARCIA, Regina Leite (Org.). **Método; métodos; contra método.** São Paulo: Cortez, 2003a.

_____. **Método: pesquisa com o cotidiano.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003b.

GUERINI, Andréia. **A teoria do ensaio:** reflexões sobre uma ausência. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

KONDER, Leandro. Benjamin e o marxismo. In: **ALEA**, Volume 5, número 2, Julho-Dezembro, 2003.

LARROSA, Jorge. Saber y Educación. **Revista Educação e Realidade.** Porto Alegre, RS, UFRGS, v. 22, n. 1, p. 33-55, 1997.

LARROSA, Jorge. **Tremores.** Escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____. O ensaio e a escrita acadêmica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 101-115, 2003.

_____. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Dossiê Michel Foucault**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 27-43, 2004.

_____. Dar a palavra: notas para uma dialógica da transmissão. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 304 p

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Tradução de João Wanderley Geraldi, Rio de janeiro, n. 19, jan./ abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

LIMA, Silvio. **Ensaio sobre a Essência do Ensaio**. São Paulo, Saraiva & Cia. Editores, 1946.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MATOS, Olgária. **Arcanos do Inteiramente Outro: a escola de Frankfurt, a melancolia e revolução**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MEINERZ, A. **Concepções de experiência em Walter Benjamin**. Dissertação de mestrado em Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MERQUIOR, José Guilherme. **Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. São Paulo: Cultrix, 1990.

MONTAIGNE, M. de. **Ensaaios**. (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1972.

PAVIANI, Jaime. **Epistemologia prática: ensino e conhecimento científico**. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

PADILHA, Paula. O Corpo do ensaio. **Remate de Males**. Campinas-SP, (31.1-2), p. 241-254, Jan./Dez. 2011.

ROUANET, Sérgio Paulo. **Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1990.

SARLO, Beatriz. **Siete ensayos sobre Walter Benjamin**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

SCHOLEM, G. **Walter Benjamin: historia de una amistad**. Trad. J.F. Yvars e Vicente Jarque. Barcelona: Península, 1987.

SCLIAR, Carlos (Org.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001